

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

NARA RUBIA MARTINS BORGES

A DESCARACTERIZAÇÃO DA GÍRIA NOS BLOGS

UBERLÂNDIA

2007

NARA RUBIA MARTINS BORGES

A DESCARACTERIZAÇÃO DA GÍRIA NOS BLOGS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos da Linguagem e Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre o léxico, morfologia e sintaxe.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Waldenice Moreira Cano.

Uberlândia

2007

Nara Rubia Martins Borges

A descaracterização da gíria nos blogs

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos da Linguagem e Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre o léxico, morfologia e sintaxe.

Uberlândia, 30 de junho de 2007.

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Waldenice Moreira Cano – UFU/MG

Prof^a. Dr^a. Carmem Lúcia Hernandes Agustini – UFU/MG

Prof^a. Dr^a. Gladis Maria de Barcellos Almeida – UFSCar/SP

A minha família,
em especial a José Márcio, meu esposo, e a
Isabella Cristina e Arthur Henrique, meus
filhos.

A meus pais, Adão Martins e Erena
Dellinghausen.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

A meu marido, que de forma espontânea e valorosa, soube apoiar, contribuir, incentivar e compreender, facilitando, assim, a conclusão de mais esta etapa em nossas vidas.

A minha filha, que, estando em uma nova fase de sua vida educacional, soube com equilíbrio e carinho me acolher e contribuir quando precisei.

A meu filho, que, mesmo nas brincadeiras de “mãe ausente” soube de forma amorosa me amparar e incentivar para que continuasse a pesquisa.

A meus pais, que, mesmo geograficamente distantes, sempre assumiram atitudes de incentivo e confiança para mais esta conquista profissional.

A minha orientadora, que, por suas virtudes humanas e competência profissional, soube com carinho e maestria conduzir-me durante todas as etapas dessa pesquisa.

A todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para mais esta fase de minha vida profissional e pessoal.

“... o dicionário, fotografia instantânea, no mesmo dia em que acaba de ser impresso, começa a ficar antiquado, mas levará sempre consigo, nas explicações do passado e na exata descrição do presente, a razão de ser das inovações futuras.” (PIDAL, 1998 apud COELHO, 2003, p. 69).

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal analisar a descaracterização do uso da gíria nos blogs quando divulgadas pelos meios de comunicação, em especial, através da internet. É incontestável a influência da internet nas diversas atividades humanas do mundo contemporâneo, pois praticamente todos os aspectos de nossas vidas são influenciados pelo desenvolvimento tecnológico. Assim, a internet assume um papel primordial na divulgação da gíria, proporcionando uma aceitabilidade maior em vários setores da sociedade. Desta forma, a presença da gíria nos blogs tem contribuído para uma crescente aceitação e utilização por parte da sociedade e sua conseqüente descaracterização. Neste sentido, este trabalho pretende mostrar como a gíria é tratada nos dicionários de língua eletrônicos *Aurélio XXI* (1999) e *Houaiss* (2001). As marcas de uso que são utilizadas para tratar a variação lingüística presente nos dicionários constituem um relevante e sério problema. As divergências quanto à utilização das marcas *gíria* nos dicionários são claras, principalmente devido à incorporação destes vocábulos à linguagem cotidiana dos falantes. Assim, a divulgação da gíria por meio da internet contribui para um aumento da aceitabilidade da gíria e para sua utilização por todo e qualquer falante nas mais diversificadas situações. Desta forma, os vocábulos gírios perdem a sua caracterização de gíria, tornando-se vocábulos comuns.

Palavras-chave: marcas de uso, dicionário de língua, blogs, gíria.

ABSTRACT

This dissertation has the main objective to analyze the distinction of the use of the slang in blogs when divulged by the means of communication, especially in the Internet. It is undisputed the influence of the Internet in the diverse human activities of the contemporary world, therefore practically all the aspects of our lives are influenced by the technological development. Thus, the internet take on a primordial role in the spreading of the slang providing a bigger acceptability in some sectors of the society. This way, the presence of the slang in the blogs has contributed for an increasing acceptance and use on the part of the society and its consequent distinction. In this direction, this work intends to show how the slang is treated in the electronic dictionaries of language *Aurélio XXI* (1999) and *Houaiss* (2001). The use marks that are used to treat the present linguistic variation in the dictionaries constitute a considerable and serious problem. The divergences in the use of the marks *slang* in the dictionaries are clear mainly due to incorporation of these vocables to the daily language of speakers. Thus, the spreading of the slang by means of the internet contributes for an increase of acceptability and use for all and any speaker in the most diversified situations. Of this form, the slang vocables lose their characterization of slang becoming common vocables.

Key-words: use marks, dictionaries of language, blogs, slang.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	10
1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	13
2. GÍRIA	19
2.1 – História da gíria	19
3. A LINGUAGEM GÍRIA	25
3.1 – A gíria de grupo	26
3.2 – A gíria comum	28
4. OS DICIONÁRIOS DE LÍNGUA.....	31
4.1 – O dicionário e a norma	31
4.2 – O dicionário e a variação lingüística.....	33
4.3 – Marcas de uso	36
4.4 – A gíria nos dicionários: divergências.....	65
5. A DESCARACTERIZAÇÃO DA GÍRIA	74
5.1 – A gíria e a mídia.....	75
5.1.1 – Blogs.....	78
5.2 – A aceitabilidade da gíria.....	79
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96
7.1 – REFERÊNCIAS DA INTERNET	103
APÊNDICE A	116

INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento de nosso trabalho de pesquisa, assumimos o léxico de uma língua como um sistema aberto em constante expansão. As mudanças sociais e culturais ocasionam as alterações no uso dos vocábulos, resultando na marginalização, no desuso, no desaparecimento, na mudança de significado. Enfim, a dinamicidade lingüística, no campo lexical é representada claramente pelas mudanças e variações, pois reflete de imediato as transformações político-sociais e culturais de uma língua.

Nesta perspectiva, escolhemos a gíria como objeto de estudo, mesmo tendo carregado sobre si, durante muito tempo, um preconceito lingüístico e social. Aos poucos, no entanto, adquiriu maior prestígio social, estando presente, hoje, em grande parte das situações de comunicação.

Tal transformação de atitude lingüística, ou seja, de alteração de prestígio social, deve-se à liberdade alcançada pelo desenvolvimento e pela modernização das sociedades, pois formas lingüísticas antes não aceitas, tampouco toleradas pelos falantes, passam, pouco a pouco, a fazerem parte da linguagem comum.

Neste contexto, a internet assume um papel fundamental, pois, ao divulgar a gíria pertencente a grupos sociais restritos e marginalizados, proporciona a divulgação e o enfraquecimento dos termos gírios que são utilizados pelos falantes e, como consequência, passam a integrar outros contextos de comunicação, tendo uma aceitabilidade maior na sociedade.

Assim, o objetivo principal desta pesquisa é mostrar que as gírias, mesmo estando dicionarizadas e trazendo a rubrica *gíria*, ao serem divulgadas pela internet – em especial pelos blogs –, passam a ter uma aceitabilidade maior e, ao serem

utilizadas pelos falantes, perdem a sua característica de gíria, passando a serem incorporadas à linguagem comum.

Iniciamos nosso trabalho com a caracterização do material pesquisado, registrando algumas informações sobre a mídia selecionada.

No segundo capítulo recorremos a um breve histórico sobre a gíria, enfatizando sua provável origem. Assim, fez-se necessária uma abordagem sobre os conceitos históricos dos termos *jargão* e *argot* e suas modificações ao longo dos tempos.

Em seguida tratamos sobre a linguagem gíria e sua relação com os grupos sociais. Nesse ínterim, destacamos as características da linguagem gíria, diferenciando a gíria de grupo – caracterizada como um signo social identificador das atividades de um grupo social – da gíria comum –, que faz parte da linguagem usada por todo e qualquer falante da sociedade.

No capítulo seguinte, fizemos algumas considerações sobre os dicionários de língua que, por constituírem uma representação do léxico, devem fazer o registro da norma lingüística e lexical vigentes numa sociedade. Como o dicionário possui um caráter normativo, trouxemos uma breve discussão sobre a norma – como sistema de realizações e imposições sócio-culturais de determinada comunidade lingüística.

Em seguida, relatamos que os dicionários de língua, ao serem elaborados, devem abranger as múltiplas e diversificadas atividades da sociedade, refletindo as variações lingüísticas. Ao discorrermos sobre as variedades lingüísticas, enfatizamos que os critérios adotados pelos lexicógrafos não são únicos e claros, pois, além de causarem dúvidas, não trazem explicações quanto ao uso.

Nesse sentido, elencamos as divergências apresentadas nos dicionários de língua sobre a presença da gíria e o problema quanto à rotulação desses vocábulos.

No quinto capítulo, tentamos comprovar a descaracterização do uso da gíria nos dicionários de língua, mostrando sua divulgação pela internet, em especial nos blogs, como forma de reforçar a crescente aceitabilidade e ampliação quanto ao uso.

Quanto ao processo pelo qual os vocábulos gírios passam a fazer parte da linguagem comum, mostramos, por meio de análises de vocábulos retirados dos blogs, que certas gírias ultrapassaram os limites da *gíria comum* e, hoje, estão cristalizadas na linguagem comum como vocábulos neutros.

No último capítulo, apresentamos as considerações finais como forma de enfatizar que a divulgação da gíria por meio dos blogs contribui para um aumento de sua aceitabilidade e utilização por todo e qualquer falante, nas mais diversificadas situações. Desta forma, os vocábulos gírios perdem a sua caracterização de gíria, tornando-se vocábulos comuns.

1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Como forma de fundamentar esta pesquisa e mostrar a descaracterização do uso da gíria nos blogs, selecionamos dois dicionários eletrônicos e alguns blogs para que, de forma satisfatória, pudéssemos atingir os objetivos propostos.

Em relação aos dicionários, optamos pela versão eletrônica do *Novo Dicionário Aurélio – Século XXI* (1999) e o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), ambos por facilitarem a recolha dos dados.

O *Dicionário Aurélio* (1999), por possuir um recurso chamado “pesquisa reversa”, possibilitou-nos a seleção de 1.391 vocábulos com a rubrica *gíria*. E foi a partir destes vocábulos gírios que começamos nossa busca pela descaracterização do uso da gíria nos blogs.

Em uma primeira etapa da pesquisa, fizemos o confronto das marcas de uso – gírias encontradas no *Dicionário Aurélio* (1999) com o *Dicionário Houaiss* (2001), pois este não possui o sistema de “pesquisa reversa”. Com os resultados, confirmamos que as marcas de uso/rubricas utilizadas pelos lexicógrafos não seguem normas lexicais explícitas.

Em um segundo momento, e como forma de reforçar que a gíria está presente em todas as gerações e em todas as situações, bem como a influência da internet na descaracterização da gíria, optamos por um *corpus* consistente que representasse de maneira satisfatória a diversidade lingüística, composto de alguns blogs da internet.

O ser humano, por natureza, tem uma grande necessidade de comunicação e essa característica se acentua com as facilidades da internet acessíveis a todos os contextos da sociedade. A internet tem transformado a forma pela qual as pessoas interagem e trocam informações, principalmente por possuir características ímpares, uma vez que não há distinção de classe social, idade, sexo, profissão etc.

Neste novo contexto social da internet, surgem os blogs como registro de informações diversas feitas *on line*. Os blogs, além de veicularem a informação em tempo real, são acessados por milhares de pessoas e, ainda, oferecem a possibilidade de interação com o leitor.

Desta maneira, selecionamos alguns blogs relacionados à imprensa, ou seja, à chamada “grande imprensa” já que, hoje, são considerados como um novo tipo de jornalismo *on line*. De certa forma, os blogs trariam uma maior confiabilidade às informações, pois foram postados pelos próprios jornalistas, seja de jornais ou revistas.

Depois, escolhemos alguns blogs que não possuíam nenhum relacionamento com a “grande imprensa” e para tal procuramos, em um site de busca, pelos blogs com maior frequência. Como resultado, escolhemos blogs pertencentes a dois provedores: UOL – *Universo On Line* e Terra. E, finalmente, selecionamos um blog muito conhecido na internet e que não faz parte de nenhum jornal.

Sendo assim, o *corpus* de análise foi constituído por treze (13) blogs. Desses, três (03) fazem parte do Jornal *Folha de S. Paulo – Folha Online*, cinco (05) fazem parte do provedor *Terra*, três (03) do provedor *UOL*, um (01) da Revista *Veja – Veja Online* e um (01) não pertence a nenhum veículo de imprensa, *Jacaré Banguela*.

Dentre os blogs selecionados, procuramos os que abrangessem assuntos diversos, como demonstramos a seguir:

Blogs da Folha Online

Blog *da Soninha* – Assuntos variados. Postado por Sônia Francine Gaspar Mormo, 39 anos, vereadora de São Paulo e colunista da *Folha de S. Paulo*.

Blog *do Marcelo Katsuki* – Comes e bebes. Postado por Marcelo Katsuki, 39 anos, editor de arte da *Folha Online*, *Folha de S. Paulo*.

Blog *da Maria Inês Dolci* – Defesa do consumidor. Postado por Maria Inês Dolci, 50 anos, Coordenadora Institucional da Pro Teste, Associação Brasileira de Defesa do Consumidor, e colunista da *Folha de S. Paulo*.

Blog da Veja Online

Blog *do Reinaldo Azevedo* – Política.

Blogs do Terra

Blog *do Zé da Mídia* – Mídia e comunicação. Postado por Rafael Grossi Mendonça.

Blog *da Dora Beltrão* – Acorda Brasil! Postado por Dora Beltrão, psicóloga e colunista do www.mandandoprarede.com.br

Blog *Cinderela se rebela* – Pedofilia, extermínio de brasileiras, geral. Postado por Tânia Rocha.

Blog *do Gollo* – Política, economia, cultura e cotidiano. Postado por Luiz Augusto Gollo, jornalista e escritor.

Blog *de Uma Jovem de 50 anos* – Geral.

Blogs da UOL

Blog *do Fernando Rodrigues* – Política. Postado por Fernando Rodrigues, 43 anos, jornalista da *Folha de S. Paulo*.

Blog *da Rosely Sayão* – Educação. Postado por Rosely Sayão, 57 anos, psicóloga, escritora e colunista da *Folha de S. Paulo*.

Blog *do Torero* – Esporte. Postado por José Roberto Torero, 43 anos, jornalista, escritor e colunista da *Folha de S. Paulo*.

Blog *Jacaré Banguela* – Geral. Postado por Frederico Fagundes e Rodrigo Fernandes, universitários.

OBJETIVO DA PESQUISA

A gíria é uma linguagem espontânea, rica que se expande com facilidade e está em constante evolução.

A internet, devido a sua facilidade em atingir um número maior de pessoas, divulga os termos gírios que passam a ter uma aceitabilidade maior e, como consequência, podem ser utilizados por qualquer indivíduo em diversas situações de comunicação.

O fato de diferentes falantes utilizarem termos gírios em diferentes contextos deve-se à liberdade alcançada pelo desenvolvimento e modernização social, o que não ocorre com os dicionários de língua, uma vez que continuam marcando como gíria palavras que, hoje, não são mais utilizadas como tal.

Desta forma, o objetivo principal deste trabalho é demonstrar que a freqüente divulgação da gíria, proporcionada principalmente pela internet através dos blogs, contribui para sua descaracterização, já que se incorpora à linguagem comum.

E, como objetivos específicos, demonstrar quais e quantas unidades são gírias nos dicionários de língua, ressaltando as possíveis divergências quanto à utilização das marcas de uso e, ainda, mostrar a aceitabilidade e a ampliação quanto ao uso da gíria presente na internet, em especial nos blogs.

HIPÓTESES

A gíria, ao ser registrada nos dicionários de língua, apresenta uma diversidade quanto às marcas utilizadas para caracterizá-la, o que é facilmente observável por quem consulte dois ou mais dicionários distintos.

A consulta ao dicionário tem sempre uma motivação, nunca é inocente. O consulente procura resolver um problema de significação, esclarecer aspectos da linguagem, aperfeiçoar sua forma de comunicação, dentre outros fatores.

Sendo assim, o dicionário tem por objetivo preencher as lacunas de conhecimento dos usuários, o que nem sempre acontece, pois se percebe uma divergência entre as marcas de uso empregadas nos dicionários.

Esta diversidade conduziu-nos às seguintes hipóteses:

- não há coerência na utilização das marcas de uso;
- há discrepância entre os dicionários de língua *Aurélio* (1999) e *Houaiss* (2001);
- o vocábulo rotulado como gíria nos dicionários de língua não é realmente caracterizado como tal nos blogs.

JUSTIFICATIVA

A divulgação de alguns termos gírios tem contribuído para a descaracterização da gíria, a qual passa a ser incorporada pelos falantes nos mais diversos níveis de comunicação.

Neste sentido, esta pesquisa justifica-se por mostrar que os dicionários de língua não são unânimes quanto ao tratamento destas unidades léxicas, reforçando, assim, a necessidade de uma teoria lexical, além de enfatizar que o uso freqüente da gíria pela internet, em especial pelos blogs, contribui para a perda de sua identificação inicial, concorrendo para sua descaracterização.

2. GÍRIA

A gíria, por ser uma linguagem tipicamente oral, não dispõe de documentos que comprovam o seu exato aparecimento. Na Idade Média, por estar relacionada a grupos excluídos e marginalizados, ainda era vista de forma preconceituosa, carregando sob si “o estigma de baixa linguagem”, sendo alvo de rejeições lingüísticas.

Prete (2001, p. 241) bem comprova tal afirmação:

Sua natural ausência, na escrita (modalidade da língua mais planejada), e as restrições de seu emprego em muitas situações de comunicação, na língua oral, vêm comprovar uma atitude lingüística de rejeição, por parte de quem fala ou escreve, o que torna a gíria um vocabulário marcado, cujo uso enfrenta preconceitos na sociedade (mais em alguns, menos em outras).

Assim, para compreendermos o porquê desta visão preconceituosa e da rejeição lingüística, partimos para uma análise histórica da gíria o que significa “penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos excluídos da sociedade” (PRETE, 2001, p. 242).

2.1 – História da gíria

A análise histórica da gíria e suas dificuldades são relatadas por Burke (*apud* PRETE, 2001, p. 244), ao se referir a uma língua oral privada de documentos escritos, principalmente antes da Idade Média, já que, somente no século XV, surgem os primeiros registros de linguagem secreta.

Nesse sentido, destacamos as primeiras fontes documentais no final da Idade Média, em que os tribunais registravam fielmente os interrogatórios, descrevendo com exatidão as palavras utilizadas pelos acusados e pelas testemunhas.

Como dificuldade no estudo histórico da gíria, ressaltamos a grande afinidade com os termos *jargão* e *argot*, o que torna necessária uma breve explanação histórica sobre tais termos e suas alterações ao longo do tempo.

Apesar de os primeiros registros do termo *jargão* datarem do século XV, a palavra *gergon*, do provençal, *jargon*, do francês e *cant*, do inglês, eram encontradas nos séculos XII e XIII e usadas para se referir à “algaravia, uma fala ininteligível, uma confusão de vozes ou um tipo de gargarejo (*gargle*)” (GAUTÉ, 2000, p. 22).

Nesse sentido, o termo *jargão* (*jargon*) aparece documentado no século XV, em versos de um poeta popular, François de Villon, e em textos voltados à linguagem dos marginais, mascates e comerciantes ambulantes que, durante o período da Guerra dos Cem Anos, infestaram a nação com corporações criminosas. (cf. PRETI, 2004, p. 71). Ainda neste século, encontram-se documentados em italiano o termo *furbesco* e em inglês *cant*.

No século XVI, sob a influência da linguagem dos ciganos, surge, na Espanha, o termo *germanía* ou *caló* e, em Portugal, sob a influência da obra de Gil Vicente, vocábulos referentes à fala dos personagens e às profissões, todos de natureza gíria. A palavra *jargão* passa, então, a ser utilizada por outras línguas para se referir à linguagem secreta de grupos específicos, geralmente relacionados ao submundo.

Desta forma, o termo *jargão* passa a adquirir novos significados e designações como *argot* e *jargon*, em francês, que se referia aos grupos profissionais nômades, como mendigos, ladrões, ciganos, mascates etc. Em outras palavras, *argot* designava a gíria relacionada a grupos profissionais.

A gíria inglesa era identificada como *cant* ou *canting* e designava a gíria do submundo inglês, conhecida como vocabulário de sobrevivência, que se caracterizava pelo “uso técnico de palavras, de codificação semântica precisa, sem

ambigüidades, com o objetivo de transformar parte do que é dito em idéias ininteligíveis a terceiros” (REMENCHE, 2003, p. 20), típica de determinadas profissões com alto grau de especialização. E, ainda segundo Rector (1994, p. 84), *slang* é a gíria do povo, caracterizada pela linguagem vulgar, erótica.

Em alemão, a gíria era conhecida como *rothwelsh* ou *jenish*, *umgangsprache*, *guanersprache* – *gauner* que significava mal-feitor, considerada a língua dos malandros.

No espanhol *jeringonza*, *jerga* ou *germanía* eram os termos que definiam a gíria. *Germanía*, de origem latina – *germanus*, que significa irmão, indicando a linguagem utilizada por uma irmandade, uma linguagem especial para não ser entendida por pessoas estranhas ao convívio. Já *caló* era a linguagem utilizada pelos ciganos que, às vezes, era confundida com a linguagem dos ladrões.

Em italiano, *furbesco*, por ser originário de *furbi* – malandros, seus primeiros usuários, era o termo utilizado para caracterizar a gíria e, em português lusitano, a linguagem do submundo era conhecida como *geringonça* e *calão*.

Desse modo, o termo *jargão*, conhecido como “uma forma da gíria desenvolvida em uma comunidade, geralmente marginalizada, a qual tinha a necessidade de não ser compreendida ou de distinguir-se do comum” (DUBOIS, 2001, p. 356) tem seu significado ampliado e, por volta do século XVII, “deixa de ser uma linguagem de grupos marginais e passa a ser um vocabulário técnico banalizado” (PRETI, 1984, p. 246). Essa linguagem especial passa a ser utilizada por filósofos escolásticos e por outros grupos religiosos, talvez por serem considerados um tipo de vigaristas, uma vez que tinham o domínio da palavra e conseqüente influência sob determinado número de pessoas.

Ainda nessa mesma época, *cant* e *jargon* começam a ser empregados para designar “termos da arte” ou “termos técnicos”, usados por diferentes profissionais.

Essa linguagem profissional, que começou a ser utilizada como fator de realização pessoal (segredo) relacionada a uma categoria profissional, com vocábulos técnicos, transformou-se e passou a gerar “status” ao falante, sem a preocupação de ser entendida pelos demais que não fazem parte do grupo.

Nesse sentido, Câmara Jr. (1989) bem define *jargão*, ao considerá-lo uma linguagem técnica criada dentro de um grupo social e em função exclusiva desse grupo, em especial, os relacionados às profissões, caracterizando-se, assim, pelo emprego de vocábulos específicos e de alguns comuns.

Ainda no século XVII, o termo *calão*, por sua vez, relaciona-se aos ciganos, que, quando chegaram à Espanha, eram confundidos com os andarilhos, “almas independentes e sem terra” (BURKE e PORTER, 1997), devido ao fracasso das colheitas e pelo medo do recrutamento, dos impostos, da perseguição e das doenças saíam sem destino.

Marginalizados por seu estilo de vida, vestimentas características, costumes e modo de falar, os ciganos foram hostilizados, causando desconfiança por parte da comunidade e, como consequência, a linguagem utilizada por eles passou a sofrer preconceito, principalmente por representar à incorporação de tudo que era sinistro, blasfemo e satânico, além de referir-se a “ações banais, funções corporais e emoções” (REMENCHE, 2003, p. 31). Neste sentido, Elia (1987 apud GAUTÉ, 2000, p. 25) define o termo *calão* como uma “linguagem grosseira cheia de vocábulos obscenos”.

No final do século XIX, em Portugal, começam a surgir estudos significativos sobre a gíria ou *calão* e Queirós Veloso, em 1890, publica na *Revista de Portugal* uma lista de termos gírios portugueses, “a maior que até ali tinha aparecido inteligentemente coordenada e identificada” (LAPA, 1974 apud PRETI, 2004, p. 72), com 1.355 termos.

Na primeira metade do século XX, devido “à modernização e ao afrouxamento dos costumes” (VENEROSO, 1999, p. 30) surgem, no Brasil, tablóides de caráter obsceno, cômico e erótico, dentre eles destacamos o tablóide “O Coió”, que retratava a sociedade carioca da época. Foi a partir deste tablóide, cujo próprio nome já era um termo gírio, que se iniciou a publicação de “dicionários”, primeiramente em forma de colunas onde eram registrados os verbetes relacionados ao tema erótico-obsceno, e depois em forma de dicionário – *Dicionário Moderno*, publicado em 1903, com 1.718 verbetes sobre a gíria.

Desta forma, a gíria, apesar de todo o preconceito histórico que a caracterizava, tem sido incorporada à linguagem de diversos setores da sociedade. Vários são os fatores que contribuíram para esta inserção, principalmente relacionados aos estudos lingüísticos. Preti (2001) os relaciona aos processos naturais das transformações ocorridas no campo político-social, na economia, na cultura e, um dos principais, referentes aos meios de comunicação em massa.

Podemos afirmar que, do ponto de vista que nos interessa, o lingüístico, o fato importante é que essa cultura de massa tornou necessária uma uniformidade de produção que incidiu diretamente sobre a linguagem. Novelas, noticiários, programas cômicos, divulgação científica, noticiário diário da imprensa, legendas de filmes de cinema, propaganda etc. devem atingir um receptor padrão, sempre que possível uniforme. Teoricamente não existe uma novela para pessoas cultas e outra para tele-espectadores de baixa escolaridade. Tornou-se necessário criar temas mais amplos, acessíveis a todas as classes sociais, dentro de uma linguagem que todos entendem. Daí o processo de uniformização cultural e, por conseguinte, lingüístico. Recebemos, cultos e incultos, um lazer e uma informação iguais, numa linguagem que todos entendem, que não favorece a reflexão, nem instiga a dúvida, muito menos gera incompreensão. Eis instaurada a norma lingüística da mídia, mistura dos hábitos lingüísticos orais e escritos, atenta às transformações constantes à “moda lingüística”, à maneira mais original ou expressiva de dizer as coisas no momento, muito mais voltada para a linguagem popular que, assim, ganha inesperado prestígio social. (PRETI, 2001, p. 249).

A partir desse novo contexto, a gíria, enquanto fenômeno sociolingüístico que prestigia as variantes lingüísticas, deixa de ser uma linguagem cifrada pertencente e utilizada por determinados grupos fechados e passa a fazer parte de um número maior de indivíduos, independente do grupo a que pertençam, pois, como afirma Preti (1996 apud GAUTÉ, 2000, p. 27), “[...] a gíria faz parte das mais diferentes situações de comunicação”.

3. A LINGUAGEM GÍRIA

Como vimos, a linguagem gíria surge de um vocabulário criptológico pertencente a um grupo social marginalizado ou a uma classe profissional, com o objetivo de esses grupos não serem entendidos pelos demais, além de preservar a significação dos vocábulos gírios entre os membros do grupo.

Desta forma, a linguagem gíria está intimamente relacionada à linguagem de um grupo restrito, o qual procura manter a união dos membros por meio da gíria, pois quanto maior for o elo entre o grupo, maior será a forma identificadora e a auto-afirmação entre os membros do grupo.

A convivência em grupos faz parte da natureza humana, uma vez que a vida em sociedade é condição necessária para a sobrevivência do homem. Desde o início da civilização, o homem sente a necessidade de se relacionar com outros indivíduos, compartilhando de seus ideais, de uma interação mútua:

Quando indivíduos, que compartilham interesses comuns se associam, não o fazem só para defender seus interesses, mas também pela associatividade em si mesma, isto é, para não se sentir perdido entre seus adversários, para ter o prazer da comunidade, para ser um entre muitos, o que representa viver juntos a mesma vida moral. (OLMSTED, 1970 apud ELIAS, 2000, p. 22).

Os grupos sociais criam suas próprias normas e regras que os orientam e controlam, pois desta forma conseguem manter a coesão do grupo. A aparência física, o comportamento, a linguagem, dentre outras, são algumas características que definem e estabelecem o *status* do indivíduo no grupo e, conseqüentemente, na sociedade.

Desta forma, cada grupo cria e desenvolve uma linguagem especial, um código lingüístico que se diferencia daqueles dos demais grupos. “Uma espécie de ‘nova língua’ dentro de uma língua dada, possuindo um léxico próprio, uma

semântica característica e, até mesmo, uma sintaxe peculiar” (MARCUSCHI, 1975 apud ELIAS, 2000, p. 37).

3.1 – A gíria de grupo

A linguagem como fenômeno lingüístico e social pode ser denominada de duas maneiras: gíria de grupo e gíria comum.

A gíria de grupo, como já foi visto, se relaciona “a um vocabulário de grupos sociais restritos cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade” (PRETI, 2004, p. 66). O uso da linguagem gíria, historicamente, está relacionada a linguagem própria dos malfeitores, aos grupos excluídos socialmente como os criminosos, as prostitutas, os homossexuais, dentre outros.

Dessa maneira, os membros de grupos, que vivem à margem da sociedade, buscam na linguagem gíria uma forma de auto-afirmação, muitas vezes, de forma agressiva aos costumes e usos da sociedade, como ressalta Preti (1984, p. 3):

Caracterizada como um vocabulário especial, a gíria surge como um signo de grupo, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja a gíria dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de outros grupos ou profissões). E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de auto-afirmação.

Entretanto, com o passar do tempo, a linguagem secreta característica de grupos sociais excluídos e criminosos deixa de ser exclusiva a grupos do submundo ligados à marginalidade e passa a ser adotada por membros de grupos que se identificam e se diferenciam dos demais membros da sociedade.

Os jovens, na condição de grupo social, ao criarem e utilizarem a gíria como elemento de auto-afirmação, o fazem como realização pessoal, pois é uma linguagem cheia de termos expressivos que faz referência a “fatos culturais circundantes de uma determinada época ou lugar” (RECTOR, 1994, p. 24) e, por isso, está em constante mudança.

A gíria jovem, linguagem de um grupo restrito, geralmente com o vocabulário adquirido das comunidades marginais (da própria gíria dos malandros, ou da antiga gíria dos “hippies”), tornou-se um signo de grupo definido na sociedade moderna, onde “o jovem já passou, de fato, a ser classe social, muito mais que simples faixa etária da população” (PRETI, 1984, p. 3).

A forma como os jovens se expressam, indo contra as regras/normas que a sociedade estabelece, exprime claramente uma linguagem irreverente, livre e ofensiva, espelhando com fidelidade o conflito de gerações.

A partir das características da gíria jovem, a gíria de grupo evoluiu, passando a designar a manifestação do espírito do corpo e da classe, ou seja, uma linguagem peculiar característica de qualquer grupo social, cujos membros tenham interesse em preservar a união do grupo.

A partir da década de 60, a própria evolução da sociedade urbana brasileira propiciaria um crescimento considerável do uso da gíria nas cidades grandes. Não só a música popular, mas também o cinema, o teatro; a imprensa; o rádio e a televisão; a propaganda; os grandes esportes como o futebol; os centros de diversão como o “mundinho” noturno e as casas de dança criaram seu vocabulário típico, às vezes, verdadeiros códigos fechados, em constante transformação, para manter a originalidade e preservar o signo identificador do grupo social. (PRETI, 2004, p. 76)

Sob essa perspectiva, a gíria de grupo passa a caracterizar uma linguagem peculiar de qualquer grupo social homogêneo, cujos membros possuem interesses ou atividades afins. E com o desenvolvimento e a modernização da sociedade, a gíria de

grupo passa a ser conhecida e incorporada à linguagem de outras pessoas que não integram o mesmo grupo, perdendo, assim, o seu caráter criptológico.

A gíria de grupo, a partir do momento em que perde o seu caráter identificador (do grupo e do membro) e de acordo com Preti (1984, p. 19) “apresenta um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usada nas mais variadas situações e pelos mais diversos tipos sociais de falantes” passa a denominar-se gíria comum.

3.2 – A gíria comum

Segundo Preti (2004, p. 101), de gíria comum designam-se os “vocábulos gírios misturados à linguagem da conversação espontânea diária, onde perdem para o falante a sua condição de gíria e são assumidos como vocabulário comum, com presença no dialeto culto ou popular”.

Nessa perspectiva, a gíria de grupo, perdendo o seu caráter identificador, torna-se um vocábulo comum e passa a fazer parte da linguagem usada por toda a comunidade lingüística.

A gíria comum evoluiu tão rapidamente quanto a evolução da sociedade contemporânea, pois, como reforça Preti (2004, p. 67), “tudo fica obsoleto, superado, fora de moda, em muito pouco tempo” e, neste sentido, alguns estudiosos afirmam que neste momento de incorporação à linguagem popular cotidiana, a gíria perde sua verdadeira condição de gíria.

Ao vulgarizar-se, porém, para a grande comunidade, assumindo a forma de uma gíria comum, de uso geral e não diferenciado, esse vocabulário perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando, desde então, de ser signo grupal. Nesse momento, torna-se difícil precisar o que é de fato vocábulo gírio ou vocábulo popular. (PRETI, 1984, p. 3).

Dessa maneira, a gíria comum passa a ter muita afinidade com a linguagem popular, representando as atividades da vida cotidiana dos membros da sociedade nos diversos setores: escola, trabalho, família, lazer, dentre outros. Como consequência, além de ser conhecida por um grande número de falantes, a gíria também passa a ser incorporada pelos dicionários de língua. O dicionário, ao marcar como gíria determinada palavra que já é de uso comum, causa grande confusão para os consulentes.

Veneroso (1999, p. 123) esclarece que:

A cristalização de um vocábulo gírio na linguagem comum se dá quando não conseguimos, por exemplo, detectar a existência de algum sinônimo do léxico formal para substituí-lo. Não raro, o uso desses vocábulos se torna tão generalizado que os falantes comuns sequer têm a noção de que se trata de gírias.

A esse respeito, temos o exemplo do vocábulo “*batalhar*”, cuja ocorrência freqüente denotando “trabalhar, fazer algo com veemência, esforçar-se” aparece nos blogs e nas diversas situações diárias.

“*Batalhar* por eles é que nos faz viver”

Feliz Ano Novo, Diário de uma jovem de 50 anos, 02/01/2007.

“[...] pais e professores anunciam que é preciso *batalhar* para conseguir o que se quer...”

Educar contraria os mais novos, Blog da Roseli Sayão, 15/02/2007.

“Vou me inscrever, vou *batalhar* para eu mesmo conseguir”.

Irmão de Lula vira peça do marketing presidencial, Blog do Reinaldo Azevedo,
Veja, 13/01/2007.

Nota-se que o vocábulo *batalhar* já está incorporado no dia-a-dia, independente do tipo de assunto e de quem o utiliza. A incorporação desse vocábulo à linguagem comum ocorreu, de certa forma, porque seu valor semântico ultrapassou os limites do simplesmente *trabalhar, exercer o ofício ou a atividade profissional* e passou a significar um *esforço para conquistar/vencer alguma dificuldade*.

4. OS DICIONÁRIOS DE LÍNGUA

O dicionário é um inventário do léxico de uma língua. É “o acervo e o registro das significações que nossa memória não é capaz de memorizar” (REY, 1994, p. xvii apud BIDERMAN, 2003, p. 54).

Os dicionários de língua, basicamente, têm por objetivo registrar a descrição do léxico de uma língua, ou seja, “têm por intenção comum a investigação em uso” (DUBOIS et al, 1973, p. 188). Tais descrições lexicais implicam uma constante expansão, uma vez que a língua representa toda a diversidade social e cultural de um povo, tornando-se, assim, infinita.

O léxico de uma língua como um sistema aberto e em expansão constitui-se de “um universo de limites imprecisos e indefinidos” (BIDERMAN, 2001, p. 179), uma vez que está em constante evolução, absorvendo novos vocábulos que são criados à medida que mudanças sociais e culturais se concretizam, a exemplo do desenvolvimento técnico-científico, cujos termos são necessárias para a caracterização dessas novas categorias conceituais.

Desta forma, os dicionários de língua, segundo Biderman (1998, p. 129), “constituem uma organização sistemática do léxico”, devendo fazer o registro da norma lingüística e lexical vigente na sociedade.

4.1 – O dicionário e a norma

O dicionário, como a somatória da experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura, possui um caráter normativo.

Em seu estudo *Sistema, norma e fala*, Coseriu (1979) discute a relação saussuriana da *língua* e *fala* em relação à norma.

A norma estabelece os elementos que não são únicos ou ocasionais, ou seja, refere-se àquilo que na fala real (e na escrita) constitui repetição de modelos anteriores. O sistema trata da estrutura da língua que contém os elementos que asseguram o seu funcionamento, ou seja, um sistema de possibilidades, “um *conjunto de liberdades*, já que admite infinitas realizações e só exige que não se afetem as condições funcionais do instrumento lingüístico: antes que ‘imperativa’, sua índole é consultiva” (BIDERMAN, 2001, p. 20).

Desta forma, a norma reprime e o sistema liberta, isto é, a norma limita ao indivíduo a liberdade expressiva e as possibilidades oferecidas pelo sistema. A norma é, segundo Biderman (2001, p. 20), “um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade”.

A norma está ligada a uma comunidade lingüística e esta comunidade pode ser delimitada em vários níveis: social, regional, familiar, popular, literária, dentre outros. Portanto, a dinamicidade lingüística corrobora com a afirmação de Coseriu de que não se pode falar de uma norma única e sim de várias normas parciais (sociais, regionais, familiares etc.) reforçando, assim, o conceito de norma como indissociável do de variação lingüística.

Nesse íterim, a norma lexical representa uma das maiores dificuldades no que concerne à distinção entre norma e sistema, uma vez que apresenta uma infinita variedade e complexidade devido às mudanças incessantes que acontecem no léxico.

A norma lexical como um dos níveis da norma implica, também, a oposição *normal* vs. *anormal*. Strehler (1997), seguindo a terminologia de Coseriu, divide a norma lexical em *norma normal* e *norma correta*. A *norma normal* é assimilável à norma lexical implícita, que é constituída pelo léxico interiorizado pelo falante. A

norma correta é assimilável à norma lexical explícita que é encontrada nas obras normativas.

A *norma normal* representada pelo léxico interiorizado pelo falante é estabelecida pela frequência de uso, ou seja, à medida que expressões, antes tidas como *anormais*, vão se tornando frequentes no uso lingüístico, passam a ser consideradas *normais* e, portanto, são incorporadas à norma lexical.

Neste sentido, o dicionário de língua, por possuir um caráter normativo e fazer uma descrição do léxico vigente em uma sociedade, deve incorporar também a *norma normal*, pois compreende tudo aquilo que é comum e corrente em uma comunidade lingüística.

4.2 – O dicionário e a variação lingüística

Um dicionário de língua, ao ser elaborado, deve levar em conta as necessidades de uma comunidade lingüística no que se refere às diversas atividades sócio-econômico-culturais e, portanto, conter o léxico que expresse os vários aspectos e situações da vida contemporânea e que estejam em circulação.

Neste sentido, o dicionário, além de cumprir um de seus objetivos como instrumento de consulta, na medida em que fornece certo número de informações (pronúncia, categoria gramatical, etimologia, definição, sinônimos etc.), deve registrar o vocabulário em circulação, ou seja, ressaltar a presença da variação lingüística.

No léxico, o fator da variação lingüística quanto ao uso é fácil de ser identificado, porém o que o torna complicado e confuso é a forma como cada lexicógrafo o trata – mesmo que os dicionários de língua estejam estruturados segundo uma norma lexicográfica, como afirma Krieger (2003, p. 74):

A organização de uma obra lexicográfica não se reduz a uma pragmática tarefa compilatória, mas requer um conhecimento sobre a língua, suas realizações e funcionamento. Logo, sua consecução é, ou melhor, deveria ser norteada por princípios teóricos e metodológicos da denominada lexicografia descritiva, que organiza os dados lexicais, amparada em descrições lingüísticas.

Assim, o caráter arbitrário dos dicionários de língua está relacionado aos critérios estabelecidos pelo próprio lexicógrafo, que podem ser subjetivos, baseando-se em experiências pessoais.

Desta forma, os dicionários de língua apresentam algumas lacunas, na medida em que “o lexicógrafo fundamenta as suas escolhas num compromisso entre a descrição histórica (diacrônica) e a descrição contemporânea (sincrônica)” (DUBOIS et al, 1973, p. 188), criando uma língua ideal, fora do tempo.

A variação lingüística torna-se um problema nítido quando os dicionários de língua utilizam classificações aleatórias e subjetivas para referirem-se a determinados vocábulos, tais como: *familiar, popular, gíria, brasileirismo, vulgar* etc. Percebe-se, neste caso, a escolha individual variando de um dicionário para outro.

Observemos alguns exemplos de vocábulos gírios retirados, aleatoriamente, dos dicionários: *Aurélio* (1999) e *Houaiss* (2001) com as suas respectivas marcas de uso:

	<i>Aurélio</i>	<i>Houaiss</i>
<u><i>amarrar</i></u>	<i>cinagética; brasileirismo; gíria</i>	<i>regionalismo; uso informal; derivação por metáfora e extensão</i>

<u>bicha</u>	<i>brasileirismo; antigo; gíria; chulo</i>	<i>uso informal; regionalismo; antigo; tabuísmo</i>
<u>carona</u>	<i>brasileirismo; gíria; militar</i>	<i>regionalismo; uso informal; militar</i>
<u>fã</u>	<i>gíria; por extensão</i>	<i>uso informal; por extensão de sentido</i>
<u>lupa</u>	<i>óptica; gíria; brasileiro; irônico; marinha</i>	<i>uso informal; óptica; marinha</i>
<u>mauricinho</u>	<i>brasileirismo; gíria</i>	<i>regionalismo; uso informal; pejorativo</i>
<u>quadrado</u>	<i>brasileirismo; gíria; geometria; matemática; tipografia; zoologia</i>	<i>regionalismo; uso informal; matemática; futebol; artes gráficas; geometria; costura</i>

Podemos observar que as marcas de uso apresentadas nos vocábulos foram bem diversificadas, o que pode gerar grande confusão e forte embaraço por parte de qualquer consulente que utilize o dicionário. Citamos como exemplo o termo *mauricinho*: tal termo é uma gíria, um brasileiro, é de uso informal ou é um termo pejorativo?

Diante de situações como essa, percebe-se a necessidade de os lexicógrafos adotarem critérios claros e precisos quanto à rotulação dos vocábulos nos dicionários de língua.

4.3 – Marcas de uso

A organização de um dicionário de língua, segundo Coelho (2003, p. 61), além de estar estruturada em uma macro e uma microestrutura, deve registrar os exemplos da linguagem relacionada às diversas necessidades das pessoas em suas atividades sócio-econômico-culturais, refletindo e expressando, assim, os vários aspectos e situações da vida contemporânea.

É por meio dessa diversidade lingüística, ou seja, da representação de toda a diversidade social e cultural de uma comunidade, que a variação lingüística situa-se nos dicionários de língua, uma vez que um dicionário deve utilizar várias normas na construção do *corpus* lexicográfico, pois o sistema oferece tais possibilidades de expressão.

Nesta perspectiva, as marcas de uso, que constituem um tipo de informação apresentada na microestrutura de um dicionário para marcar as várias normas lingüísticas existentes, não estão centradas em um embasamento teórico e, por sua vez, não seguem critérios definidos. Borba (2003, p. 309) afirma que a utilização das marcas de uso “... resulta de um olhar sobre a estrutura e funcionamento do sistema lingüístico num determinado momento da vida de uma comunidade. Por isso, é organizado a partir de uma ideologia”.

As marcas de uso que, segundo Strehler (1997, p. 14) “aparecem para marcar o desvio de uma palavra, ou de uma acepção, com relação à norma dicionarística, que é a norma padrão da língua”, são, portanto, as rotulações que o lexicógrafo utiliza para categorizar a variação lingüística.

No entanto, os dicionários não possuem critérios claros quanto à utilização das marcas de uso, principalmente por não trazerem explicações sobre os critérios adotados para tal classificação no prefácio. Krieger (2003, p. 77) reforça:

É fundamental a explicitação dos princípios e propósitos da obra nas partes pré-textuais. Sua presença, se não garante a qualidade, ao menos, esclarece muitas opções tomadas pelo lexicógrafo e funciona como suporte facilitador da compreensão das regras organizacionais adotadas. [...] Toda obra lexicográfica elaborada com base em princípios e metodologias claros costuma conter texto descritivo sobre as condições de produção e sobre os tipos de informações oferecidas.

Neste sentido, observamos que o dicionário *Houaiss* (2001) traz em sua *Apresentação* os pressupostos iniciais de sua elaboração, que levou 15 anos para ser concluída.

Aqui, gostaríamos de fazer um aparte em relação ao tempo de elaboração do dicionário *Houaiss* (2001). Como o dicionário levou 15 anos para sua conclusão, é concebível supor que durante o tempo de elaboração várias unidades léxicas tiveram suas marcas alteradas. A renovação lexical da língua está associada às transformações sócio-culturais de uma comunidade que, com o desenvolvimento e a modernização, produzem novos hábitos culturais e, conseqüentemente, novos significados ou novas marcas são incorporadas às unidades léxicas.

Ainda com relação aos pressupostos inseridos na *Apresentação*, destacamos a preocupação em explicitar os critérios adotados para trazer um número maior de informações úteis aos leitores, como rubricas temáticas, dados sobre regionalismo, nível de uso, estatística de emprego, registro diacrônico das acepções, uso das palavras etc. Além de justificar que a base documental para a elaboração do dicionário originou-se de obras literárias, técnicas e didáticas, periódicos de informação geral e de entretenimento.

Assim, destacamos alguns pontos que merecem destaque em relação à *Apresentação* do referido dicionário. Na seção *Chave do Dicionário* há uma apresentação de como os verbetes estão inseridos no dicionário, com exemplos que remetem a um texto explicativo intitulado *Detalhamento do Verbetes*.



Chave do dicionário

A coluna do meio reproduz verbetes do dicionário. As colunas laterais titulam o exemplo e remetem para o texto do [Detalhamento do verbete](#), indicando em que item tal informação está minuciada.

Próxima ➤

entrada 1	pieguice / (1874 cf. PlvC) - qualidade de piegas 2 modos, atitudes próprias de piegas (...)	datação 4 e segg.
homônimos homógrafos	ca s.f. (1935 cf. CronBis) - 1 ancois o fruto da jacuira (...)	bibliografia das fontes de datação (p. LXVI)
homófonos 1.3	bordo /ô/ s.m. (XXII cf. AGC) 1 mas lado da embarcação (...)	ortoépia 2 a 2.1.4
homônimos homógrafos não homófonos 1.4	radio s.m. (XX cf. AGC) RAD 1 aparelho emissor ou receptor (...)	alteração de qualificativo de classe gramatical 3.2.2
substantivos femininos 1.6.1-1.6.4	radio s.m. (XX cf. AGC) RAD 1 aparelho emissor ou receptor (...)	
língua estrangeira 2.3	radio s.m. (XX cf. AGC) RAD 1 aparelho emissor ou receptor (...)	
transcrição fonética 2.2.7	radio s.m. (XX cf. AGC) RAD 1 aparelho emissor ou receptor (...)	literalmente 2.4
símbolos e abreviações 3.1 Nota	radio s.m. (XX cf. AGC) RAD 1 aparelho emissor ou receptor (...)	marca registrada 2.5
alteração de classe gramatical 3.2.1	radio s.m. (XX cf. AGC) RAD 1 aparelho emissor ou receptor (...)	
datação aproximada ou supositícia 4.1.4	radio s.m. (XX cf. AGC) RAD 1 aparelho emissor ou receptor (...)	estatística de emprego 8 e 8.3
advérbios em <i>-mente</i> 4.1.4	radio s.m. (XX cf. AGC) RAD 1 aparelho emissor ou receptor (...)	campo da etimologia 44 e segg. formas históricas 4.2 a 4.2.3
	radio s.m. (XX cf. AGC) RAD 1 aparelho emissor ou receptor (...)	exemplo de uso 5.3 a 5.3.2.2

Figura 01 – Chave do *Dicionário Houaiss* (2001).



Detalhamento do verbete e outras informações técnicas

1- Entrada
2- Campo da ortoépia e da pronúncia
3- Classificação gramatical
4- Campo da datação
5- Campo do conteúdo ou das definições
6- Plural
7- Remissões
8- Elementos periféricos
9- Rubrica temática
10- Regionalismo
11- Nível de uso
12- Registro diacrônico
13- Uso da observação
14- Maiúsculas e minúsculas
15- Numeração de acepções
16- Parênteses
17- Emprego de e/ou
18- Geologia
19- Advérbio de sufixo <i>-mente</i>
20- Derivados gráficos de nomes próprios estrangeiros
21- Por oposição

Figura 02 – Detalhamento de verbetes e outras informações técnicas, *Houaiss* (2001).

Procura, ainda, esclarecer os níveis de uso ou marcas de uso em que as palavras podem ser empregadas: sentido absoluto - *abs.*; linguagem formal - *frm.*; linguagem informal - *infrm.*; jargão da droga - *drg.*; linguagem policial, de delinquentes ou de criminosos - *cr.*; tabuísmo - *tab.*; uso impróprio - *impr.*; linguagem eufemística - *euf.*; pejorativa - *pej.*; ironia - *iron.*; palavra ou acepção jocosa - *joc.*; linguagem hiperbólica – *hiperb*, explicando e exemplificando cada um.

Na linguagem informal destaca as palavras, locuções ou acepções classificadas em outros dicionários como: *popularismos*, *plebeísmos*, *gíria*, *linguagem familiar* e *linguagem infantil* como observamos a seguir:

Linguagem informal é a denominação genérica que usamos neste dicionário para as palavras, locuções ou acepções classificadas em outras fontes como: *popularismos*, *plebeísmos*, *gíria*, *linguagem familiar* e *linguagem infantil*:

a) São *popularismos* ou *coloquialismos* os vocábulos, próprios da língua popular, que não fazem parte do uso culto ou formal. Exemplos: *pernóstico*, *ror*, *salafatório*, *revertério* etc.

b) *Plebeísmos* são os vocábulos ou locuções usados na língua popular e tidos freqüentemente pela língua culta ou formal como grosseiros ou algo grosseiros, vulgares ou triviais, mas que não chegam a ser tabuizados. Exemplos: *avacalhar*, *estar sem saco*, *aporrinhar*, *bunda-suja* etc.

c) *Gíria* são palavras ou locuções de linguagens especiais (socioletos), criadas ou adaptadas para colorir acepções ou ocultar a significação de outras palavras ou locuções, de modo a serem entendidas por determinado segmento ou grupo social apenas. (Excetuam-se deste contexto, por integrarem, neste dicionário, classificação à parte, os vocábulos do jargão dos viciados em drogas, criminosos e presos, e os tabuísmos.) Exemplos de palavras de *gíria* no Brasil: *crocodilagem* ('falsidade, traição'), *mina* ('mulher, namorada'), *rolar* ('acontecer'), *descolar* ('conseguir') etc. Exemplos

em Portugal: *trombil* ('cara'), *lingrinhas* ('indivíduo mirrado'), *larilas* ('efeminado'), *carcanhol* ('dinheiro') etc.

d) *Linguagem familiar* são palavras ou expressões usadas no âmbito doméstico e encontradas na literatura, no teatro ou em atividades afins, quando é preciso recriar com realismo a atmosfera familiar.

e) *Linguagem infantil* são palavras e expressões que entraram no léxico originadas de simplificações de vocábulos feitas por adultos com o fito de ajudar na comunicação com as crianças, ou que são efetivamente criações vocabulares infantis; caracterizam-se frequentemente por redobro: *cocó* ('galinha'), *pipi* ('pênis; urina'), *au-au* ('cão'), *bumbum* ('nádegas'), *vovô* etc.

Embora identificadas no dicionário como linguagem informal (*infrm.*), neste caso, uma nota no campo do *uso* informa ao leitor tratar-se de linguagem infantil:

³**bibi** *s.f.* *B infm.* 1 carro, veículo, automóvel ■ *interj.* 2 onomatopéia de buzina de automóvel ◊ uso linguagem infantil (....)
²**bumbum** *s.m.* *B infm.* hipoc. de 'BUNDA(s.f.) ◊ GRAM ver *redobro* ◊ uso linguagem infantil (....)

Já o dicionário *Aurélio* (1999) traz em seu *Prefácio* informações que vão desde o lançamento do primeiro dicionário, em 1975, como forma de sintetizar o maior número possível de palavras em um só volume com explicações claras e um enorme acervo de abonações literárias, além de informações adicionais. Cita, ainda, as radicais e aceleradas transformações da sociedade, o avanço da informática e a necessidade indispensável de criar instrumentos para o adequado uso da língua num universo informatizado.

Destaca a prioridade em informatizar o dicionário, desenvolvendo um produto completo, que traga todas as informações da obra original (etimologia, classe gramatical, regências, locuções associadas aos verbetes, exemplos, abonações etc.) mantendo o dicionário síncrono com a língua em sua evolução, com suas novas palavras e seus novos usos. Além de trazer funções que facilitem ainda mais a

consulta e multipliquem as possibilidades de acesso à informação: pesquisa reversa total, pesquisa de categorias gramaticais, pesquisas no âmbito de locuções, etimologias, exemplos e abonações e elementos de composição, além de uma nova interface, mais simples, mais ágil, mais fácil de usar.

Entretanto, o referido dicionário não traz explicações quanto às marcas de uso, simplesmente menciona na parte *Significado dos verbetes – Conteúdo da janela de significado* que os verbetes foram organizados de modo a permitir a melhor legibilidade possível. Para tal, o verbete foi dividido em “objetos”, ou seja, itens de classificação da informação, a saber: nome do verbete; ortoépia; etimologia; categoria gramatical; regência verbal; definições; homógrafos (palavras com a mesma grafia e origens diferentes); rubrica; exemplos ou abonações [símbolos]; achegas; remissivas; locuções e sinais especiais.

No item referente às *rubricas* adotadas, simplesmente relata que indica a abreviatura que constitui a indicação geral do assunto, do uso, da frequência etc. do verbete, exemplificando somente: *Geol.* (geologia), *Quím.* (química), *Bras.* (brasileirismo), *P.us.* (pouco usado), *P.ext.* (por extensão).

Dicionário. Significado dos Verbetes. Conteúdo da janela de significado

Esta janela pode exibir, verbete a verbete, o texto integral do Novo Dicionário Aurélio – Século XXI. Ela foi organizada de modo a permitir a melhor legibilidade possível. Para tal, o verbete foi dividido em “objetos”, ou seja, itens de classificação da informação. A identificação dos objetos na janela se faz através de endentações, ícones e marcas especiais, ou ainda, para quem tem monitor colorido, pelas cores com que podem ser mostrados. Essas cores, bem como tipo, tamanho e realce das letras, são configuráveis pelo usuário, e, portanto, não são aqui explicitadas (v. cap. Configuração).

a) Nome do verbete

Localizado na barra de título da janela. Alguns verbetes são antecidos por um ícone de identificação:

[triângulo] Elemento de composição [ex.: inter-].

[quadrado] Sigla ou símbolo, ou abreviatura [ex.: CE].

[seta] Palavra ou expressão estrangeira [ex.: marketing].

Quando há verbetes homógrafos, eles são abertos na mesma janela de significado, e são identificados pelas diferenças: por seus hífens (quando são elementos de composição), ou pelos números-índice, ou pelas ortoépias diferentes. Todas essas indicações aparecem na barra de título da janela de significado, e ao se clicar numa delas o verbete desejado é colocado no alto da janela.

b) Ortoépia

Localizada na primeira linha do texto, ocorre quando é necessário esclarecer a pronúncia. É mostrada entre parênteses [ex.: gosto (ô)].

c) Etimologia

Localizada na primeira linha do texto, aparece na maioria dos verbetes. É mostrada entre colchetes (ex.: chassi [do fr. châssis]).

- d) Categoria gramatical
O verbete é dividido em suas categorias gramaticais e, em cada uma delas, em suas acepções. Exemplo: cambaio tem quatro acepções como adjetivo [Adj.] e uma como substantivo masculino [S.m.].
- e) Regência verbal
Similar à categoria gramatical. Como exemplo, o verbo abdicar tem duas acepções como transitivo direto [V.t.d.], duas como transitivo direto e indireto [V.t.d. e i.], uma como transitivo indireto [V.t.i.], uma como intransitivo [V.int.] e uma como pronominal [V.p.].
- f) Definições
Numeradas de um em diante, representam as diversas acepções do verbete. Os números são endentados em relação à categoria gramatical ou à regência verbal.
- g) Homógrafos (palavras com a mesma grafia e origens diferentes)
No livro, cada homógrafo é marcado com um número-índice, de um em diante, após o nome do verbete. No AE são separados por uma linha horizontal com anotação do homógrafo sobre a mesma. Exemplos: falácia1 e falácia2. A lista de homógrafos aparece na barra de título da janela de significado (v. acima nome do verbete).
- h) Rubrica
Abreviatura que constitui indicação geral do assunto, do uso, da frequência etc do verbete inteiro ou de uma acepção específica. Exemplos: Geol. (geologia), Quím. (química), Bras. (brasileirismo), P.us. (pouco usado), P.ext. (por extensão). Podem aparecer ou junto à categoria gramatical, quando se aplicam a todas as acepções desta categoria (ex.: paginação), ou junto a uma acepção, quando se aplica apenas a esta acepção (ex: xepa).

Figura 03 – Significado dos Verbetes, *Dicionário Aurélio* (1999).

Desta maneira, as marcas de uso nos dicionários de língua, que deveriam esclarecer as dúvidas do consulente acabam causando grandes divergências quanto à acepção empregada, pois revelam a posição teórica, ética e ideológica do lexicógrafo ou da comunidade com a qual se identifica.

Strehler (1997), em sua tese intitulada “Análise de categorias de marcas de uso em dicionários”, analisa três dicionários: *Novo Dicionário Aurélio*, 1986; *Petit Robert*, 1991 e *Deutsches Universalwörterbuch*, 1983 e propõe as categorias de marcas de uso que um dicionário deveria empregar, uma vez que cada obra analisada apresentou categorias de marcas diferentes.

As categorias de marcas de uso, as quais permitem ao lexicógrafo tratar a variação lingüística de forma coerente, segundo Strehler (1997) são:

- a) marcas temporais –indicam como uma palavra é percebida cronologicamente (*arcaico, desusado, moderno*);
- b) marcas geográficas – representam o espaço geográfico no qual determinada palavra é utilizada (*Norte, Centro Oeste, Portugal, Amazonas, Maranhão, ...*);

- c) marcas estilísticas – referem-se ao uso lingüístico, aos níveis lingüísticos e, portanto, está relacionada aos valores sócio-culturais da comunidade lingüística (*poética, literário, familiar, gíria, vulgar, ...*);
- d) marcas de linguagens especiais – estão relacionadas a situações de especialidade ou tecnicidade (*psicanálise, ginecologia, informática, química, didático, ...*);
- e) marcas de frequência – referem-se à frequência de uso da palavra (*pouco usada*) e
- f) marcas de avaliação – indicam o valor quanto à intenção discursiva do locutor (*abusivo, pejorativo, jocoso, injúria*).

Assim, “uma palavra que figure num dicionário e não seja de uso comum na camada neutra, precisa receber uma marca de uso” (STREHLER, 1997, p. 15), pois a variação lingüística é um fato da língua e um dos papéis de um dicionário é fixar uma posição ante a variação.

A título de exemplificação, analisamos, de acordo com a proposta de Strehler (1997), algumas das marcas de uso utilizadas no *Aurélio* (1999) e fizemos o confronto com o *Houaiss* (2001) reforçando, assim, a falta de critérios e de uma metodologia definidos:

a) Marcas temporais:

- arcaico:

coita

Aurélio

Arc.

1. Pena, dor, aflição; desgraça.

2. Necessidade, precisão.

Houaiss

1 **Diacronismo:** *antigo*.

m.q. *cuita*

2 **Diacronismo:** *arcaico*.

dor, aflição, desgosto, esp. por motivo de amor

3 **Diacronismo:** arqueologia verbal.

pressão das circunstâncias; compulsão física ou moral; necessidade

entonce

Aurélio

Bras. Pop. Arc.

1. **Então.**

Houaiss

Uso: *informal*. **Diacronismo:** *arcaico*.

1 **então**

- *desusado*:

desaviar

Aurélio

Desus.

1. **Não aviar; não dar aviamento a.**

2. **Apartar do caminho; desviar.**

3. **Impedir; estorvar.**

Houaiss

1 **desviar da direção, do caminho; apartar, dissipar, distanciar.**

2 Estatística: *pouco usado*.

impedir (alguém ou algo) de; baldar, estorvar, frustrar

3 Diacronismo: *obsoleto*.

não conceder aviamento a

levamento

Aurélio

Desus.

1. Ato de levar(-se).

2. Roubo, furto.

Houaiss

Diacronismo: *obsoleto*.

1 Estatística: *pouco usado*.

ato ou efeito de levar, de transportar

1. Diacronismo: *antigo*.

ação de levar algo contra a vontade de outrem; roubo, furto

- *moderno*:

Não apresenta exemplos de marcas de uso no dicionário *Aurélio* (1999).

Na proposta de Strehler (1997), *moderno* é designado como “uma palavra ou um sentido da língua contemporânea quando houver dúvida sobre sua pertinência ao registro contemporâneo”, ou seja, por corresponder à camada neutra da língua, só aparecerá quando o contexto puder induzir o consulente a uma interpretação errônea do valor temporal de determinada acepção.

b) Marcas Geográficas

- Norte:

pitombeira

Aurélio

Bras. *N.E. a L.* Bot.

1. Árvore da família das sapindáceas (*Talisia esculenta*), de folhas ovado-oblongas ou lanceoladas e mais ou menos obtusas, flores alvas, pequenas, arrumadas em compridas e finas panículas terminais, fruto (a pitomba) que é uma baga com 25mm, e sementes com arilo carnososo e comestível.

Houaiss

Rubrica: angiospermas. *Regionalismo: Brasil.*

1 design. comum a árvores e arbustos, nativos do Brasil, do gên. *Talisia*, da fam. das sapindáceas, de folhas paripenadas, flores em panículas e frutos comestíveis; pitomba

1.1 árvore de até 12 m (*Talisia esculenta*), de flores brancas ou róseas e drupas globosas, de casca dura, amarelo-acinzentada, e semente com arilo esbranquiçado, de sabor acridoce e agradável; pitomba-da-mata, pitomba-de-macaco, pitombeiro, olho-de-boi [Nativa do Brasil (MA a SP), é de rápido crescimento, a casca e as folhas são taníferas e a madeira é própria para obras internas.]

2 m.q. *cajurana* (*Quassia guianensis*)

3 m.q. *curuiri* (*Eugenia luschnathiana*)

4 m.q. *fruta-de-anel* (*Pseudima frutescens*)

- *Sul*:

pechar

Aurélio

Bras. S.

1. Dar encontro em; abalroar.
2. Pedir dinheiro a.
3. Esbarrar-se, encontrar-se.

Houaiss

Regionalismo: *Sul do Brasil*.

- 1 dar ou receber um encontro; abalroar(-se), chocar(-se)
- 2 pedir dinheiro a

guaiaca

Aurélio

Bras. S.

1. Cinto largo de couro ou de camurça, provido de bolsinhos, usado para se guardar dinheiro e objetos miúdos, e também para o porte de armas.

Houaiss

Regionalismo: *Sul do Brasil*.

- 1 cinto largo de couro ou de camurça, com bolsos onde se guardam dinheiro, objetos miúdos, e que tb. é us. para o porte de armas.

c) Marcas Estilísticas

- *poético*:

catulo

Aurélío

Poét.

1. Cachorro, cão.

Houaiss

1 filhote de cão

2 Derivação: por extensão de sentido.

cria de qualquer animal, esp. mamífero

olímbo

Aurélío

1. Mit. Habitação das divindades greco-latinas.

2. *Poét.* Lugar de delícias; céu, paraíso.

3. Mit. O conjunto das divindades greco-latinas.

Houaiss

1 Rubrica: mitologia.

lugar onde habitam as divindades greco-latinas

Obs.: inicial maiúsc.

2 Derivação: por metáfora.

lugar onde reina a felicidade; céu, paraíso

3 Derivação: por metonímia (*da acp. 1*). Rubrica: mitologia.

as divindades greco-latinas

- *familiar*:

acocar

Aurélio

V. p. Bras. S. *Fam.*

1. **Fazer mimos em; mimar, acariciar.**

V. p. Bras. Pop.

1. Acocorar(-se).

Houaiss

Regionalismo: Sul do Brasil. Uso: *informal*.

- 1 **cobrir (alguém) de mimos; acarinhar**

Regionalismo: Brasil. Uso: *informal*.

- 2 **colocar(-se) de cócoras; acocorar(-se)**

mofar

Aurélio

1. Cobrir ou encher de mofo.
2. Criar mofo.
3. *Fam.* **Ficar à espera do que ou de quem não vem.**
4. **Permanecer longamente num determinado local, ou posto, em má situação, sem que esta se modifique, ou por impossibilidade absoluta, ou por desinteresse da parte de quem a poderia modificar.**

Houaiss

- 1 fazer mofa; zombar
- 1 encher (algo) de mofo ou criar mofo

2 Uso: *informal*.

esperar em vão por alguém que não comparece ao local ou no horário combinado

3 Uso: *informal*.

permanecer indefinidamente em certa posição profissional ou local, em más condições, sem que nada seja ou possa ser feito para reverter a situação

- *gíria*:

Em relação às marcas de uso – gírias, demos preferência àquelas que estão presentes nos blogs analisados.

abacaxi

Aurélio

1. Bras. Angol. Bot. Planta da família das bromeliáceas (*Ananas sativus*), cultivada ou selvagem, cuja parte comestível é infrutescência carnosa resultante do crescimento e da coalescência de todas as flores da inflorescência. Tanto a infrutescência como o caule encerram uma enzima proteolítica que pode ter o mesmo emprego que a papaína.

2. A infrutescência comestível do abacaxi; ananá, ananás, nanás.

3. Bras. *Gír*.

Coisa trabalhosa, complicada, embrulhada, intrincada.

4. Bras. *Gír*.

Coisa ou pessoa desagradável, maçante, chata.

5. Bras. V. galego.

6. Bras. PE AL Dançador pesado, desajeitado.

* *Descascar um abacaxi.* Bras. *Gír.*

1. **Resolver ou procurar resolver uma dificuldade.**
2. **Sair-se de uma embrulhada, de uma situação desagradável, maçante.**

Houaiss

Regionalismo: Brasil.

1 Rubrica: angiospermas.

planta terrestre (*Ananas comosus*) da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil, de folhas lineares com bordos espinhosos, idênticas às da coroa que encima o fruto, escapo robusto e curto e inflorescência com muitas flores, fruto medindo cerca de 15 cm; abacaxi-branco, abacaxizeiro, aberas, ananá, ananás, ananás-de-caraguatá, ananás-do-mato, ananaseiro, ananás-selvagem, ananás-silvestre, nanaseiro, naná, nanás, pita

1.1 Rubrica: angiospermas.

infrutescência carnosa e comestível dessa planta; abacaxi-branco, aberas, ananá, ananás, ananás-de-caraguatá, ananás-do-mato, ananás-selvagem, ananás-silvestre, naná, nanás, pita

2 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: angiospermas.

design. comum às plantas de diversas fam. que se assemelham ao abacaxi, seja pelo aspecto da planta ou da infrutescência

3 (sXX) Derivação: sentido figurado. Uso: *informal*.

trabalho complicado, difícil de ser feito; coisa intrincada; problema

4 Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado.

coisa ou pessoa maçante, desagradável

5 Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo.

m.q. *galego* ('português')

6 (1913) Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Pernambuco, Alagoas.

peessoa que dança mal, de maneira desajeitada e pesada

dica

Aurélio

1. Bras. ***Gír.***

Informação ou indicação nova ou pouco conhecida; pala, plá.

Houaiss

Regionalismo: Brasil. Uso: ***informal.***

informação ou indicação boa; plá, pala

cara

Aurélio

1. A parte anterior da cabeça; rosto.
2. Semblante, fisionomia.
3. A parte oposta à coroa, geralmente com uma efígie, em certas moedas.
4. Fig. Aspecto, aparência, ar.
5. Ousadia, coragem.

Bras. ***Gír.***

6. Pessoa que não se conhece.

7. Indivíduo, sujeito.

Houaiss

- 1 m.q. ***face*** (med)
- 2 Derivação: por extensão de sentido.
expressão, semblante
- 3 Derivação: por extensão de sentido.
configuração exterior (de alguém ou de algo); aparência, aspecto
- 4 o verso, a frente de uma moeda
- 5 Derivação: sentido figurado.
falta de vergonha; atrevimento, ousadia, descaramento
- 6 Regionalismo: Portugal. Uso: ***informal***.

dois mil réis

- 7 indivíduo qualquer; sujeito, pessoa
- 8 Regionalismo: Brasil.
us. como *interlocutório pessoal*

curtir

Aurélio

1. Preparar (couro) para torná-lo imputrescível.
2. Preparar (alimento), pondo-o de molho em líquido adequado.
3. Tornar rijo, são, saudável (uma pessoa), expondo-a ao sol, ao ar livre.
4. Queimar, enrijecer (a pele).
5. Padecer, sofrer, suportar.
6. Sofrer os efeitos de (bebedeira).
7. Bras. ***Gír. Gozar, desfrutar, deleitar-se.***
8. Passar ou viver sofrendo.

Houaiss

1 Rubrica: curtimento.

colocar (couro, pele) de molho em líquido esp. preparado para amaciá-lo e deter a sua decomposição orgânica

2 conservar (comida) em molho apropriado, esp. álcool, salmoura, vinagre, azeite

3 deixar (bebida alcoólica) em local apropriado antes de consumi(-la)

4 Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado.

endurecer, enrijar na exposição às intempéries; calejar

5 Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado.

suportar (sofrimento, dor, desgraça); sofrer, padecer

6 Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado.

tornar mais forte e saudável (uma pessoa) como resultado de banhos de luz solar

7 Derivação: por extensão de sentido.

queimar (a pele) ao sol

8 Derivação: sentido figurado. Uso: *informal*.

esperar passar (a ressaca, as conseqüências do excesso de ingestão de bebida)

9 Uso: *informal*.

experimentar sensações de êxtase, prazer etc. propiciadas pelo uso de droga(s)

10 Regionalismo: Brasil. Uso: *informal*.

gostar (de alguém ou algo) com enlevo; desfrutar, fruir

fossa

Aurélio

1. Abertura mais ou menos profunda e ampla na terra; cova, buraco, cavidade, fossado, fosso.
2. Cavidade subterrânea para o despejo de matérias fecais, de imundícies.
3. Covinha no queixo ou na face.
4. Anat. Cavidade no organismo dos animais superiores, com abertura mais larga que o fundo.
5. Astr. Denominação latina adotada pela U.A.I. para designar um fosso, valeta ou rego na superfície lunar ou de um planeta. Ocorre ger. em grupos, e pode ser curva ou reta.
6. Bras. *Gír.*

Forte depressão moral; buraco.

Houaiss

1 abertura ou cavidade, natural ou artificial, no solo; buraco, cova, fosso

1.1 Rubrica: termo militar.

fosso escavado para abrigar soldados e dificultar ataques inimigos; trincheira

1.2 (sXIV)

escavação, ou grande caixa ou câmara subterrânea, em que são despejados e acumulados dejetos, esp. de casas não servidas por rede de esgoto

2 Rubrica: anatomia geral.

termo genérico para qualquer depressão ou canal do corpo humano ou dos animais

2.1 pequena depressão na superfície de uma parte carnosa do corpo, esp. na face ou queixo (permanente, ou que se forma ao se fazer certos movimentos); covinha

2.2 Rubrica: odontologia.

depressão nas faces mastigatórias dos dentes molares e pré-molares

3 Rubrica: geomorfologia.

depressão na crosta terrestre, em área emersa ou submersa

4 Derivação: por analogia. Rubrica: geomorfologia, astronomia.

depressão na superfície sólida de outro astro

5 (c1960) Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. Uso: *informal*.

estado ou condição de quem se encontra deprimido, desalentado, triste

d) Marcas de Linguagens Especiais

- *informática*:

baixar

Aurélio

- 1.** Abaixar.
- 2.** Expedir (aviso, ordem, instrução, portaria, lei, etc.).
- 3.** Mús. Passar (trecho, peça, etc.) para tom mais grave, transportando-os [v. transportar (4)] ; abaixar, descer.
- 4.** *Inform.* Receber, através da rede de computadores (cópia de um arquivo localizado em máquina remota).

Houaiss

- 1 m.q. *abaixar*
- 2 expedir (aviso, ordem, ato, portaria etc.) aos subordinados ou a uma autoridade ou repartição inferior na hierarquia
- 3 internar-se (doente) em hospital
- 4 perder influência, importância, prestígio
- 5 aproximar-se do ocaso (o Sol)
- 6 Rubrica: *informática*.

transferir (*software* ou dados provenientes de um computador) para o computador que está sendo operado pelo usuário, estando os dois computadores conectados por linha telefônica ou por outro canal de telecomunicações

- 7 Rubrica: termo jurídico.

devolver ou serem devolvidos (os autos) [a juízo ou tribunal inferior]

- 8 Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil.

manifestar-se (ser espiritual, p.ex, um orixá, um guia, um caboclo) no corpo e/ou no espírito de alguém (p.ex., uma filha-de-santo, um médium);
incorporar-se, materializar-se em

- *Medicina Legal*:

tanatoscopia

Aurélio

Med. Leg.

1. Exame de cadáver.

Houaiss

Rubrica: *medicina*.

1 conjunto de métodos empr. para investigar e confirmar uma morte

e) Marcas de Frequência

Não encontradas no dicionário *Aurélio* (1999), mas utilizadas no *Houaiss* (2001) com o mesmo sentido de *arcaico, desusado*.

f) Marcas de Avaliação

- *pejorativo*:

barraco

Aurélio

Bras. RJ

1. Habitação tosca, improvisada, construída geralmente nos morros, com materiais de origem diversa e adaptados, coberta com palha, zinco ou telha, onde vivem os favelados; barracão.

* Armar (o maior) barraco. Bras. Gír. *Pej.*

1. **Criar confusão, rolo, quizumba.**

2. **Partir para briga.**

Houaiss

1 casa mal construída ou mal conservada

2 (1958) Regionalismo: Rio de Janeiro.

casa tosca, feita sem planeamento, origin. construída nas encostas dos morros e com paredes de tábuas e teto de zinco, pela população de baixa renda; barracão

mulherengo

Aurélio

S. m. ***Pej.***

1. **Que ou aquele que se compraz em misteres próprios do sexo feminino; efeminado, maricas.**
2. Femeeiro.

Houaiss

Uso: informal.

- 1 que ou aquele que é dado a mulheres; femeeiro, fragateiro
- 2 que ou aquele que se ocupa do que em termos gerais é considerado feminino
- 3 Uso: ***pejorativo***.

m.q. *afeminado* ('sem modos viris')

Podemos notar, nos exemplos, que a marca de uso *informal* tratada no dicionário *Houaiss* (2001) abrange grande parte das marcas *pejorativo*, *popular*, *gíria*, *familiar*, dentre outras empregadas no dicionário *Aurélio* (1999), o que comprova a falta de critérios lexicográficos utilizados. Ainda ressaltamos as dúvidas geradas nos consulentes, pois, ao consultar os termos *popular*, *vulgar* e *familiar*, no *Aurélio* (1999), não conseguimos fazer uma distinção nítida entre as marcas:

Familiar

1. Respeitante à, ou próprio da família; doméstico, familiar.
2. **Que pertence ao cotidiano; vulgar, trivial, comum.**
3. Que se conhece por haver visto, praticado, estudado etc., muitas vezes.
4. Íntimo, cordial, afetuoso.

Popular

1. Do, ou próprio do povo.
2. Feito para o povo.
3. Agradável ao povo; que tem as simpatias dele.
4. Democrático.
5. **Vulgar, trivial, ordinário; plebeu.**

Vulgar

1. **Relativo ou pertencente ao vulgo; comum, ordinário, trivial, usual.**
2. **Reles, ordinário.**
3. Sabido, notório.

Constata-se que *popular* e *familiar* significam vulgar, trivial, o mesmo acontecendo com o verbete *vulgar*, que significa trivial. Frente a estas dificuldades e, sobretudo, à falta de uma definição clara quanto às marcas de uso, reforça-se a necessidade de uma sistematização de categorias de marcas de uso.

Ainda como forma de demonstrar que as marcas de uso/rubricas não são únicas, ou seja, não possuem uma norma nítida nos dicionários de língua,

explicitaremos um problema sério referente às marcas de uso *gíria* retiradas do dicionário *Aurélio* (1999):

O dicionário possui 1.391 (um mil, trezentos e noventa e uma) entradas marcadas como *gíria*, só que, destas, somente 185 (cento e oitenta e cinco) possuem a marca única de *gíria*, ou seja, são consideradas somente *gíria* e nada mais. Vejam-se os exemplos:

abonecar

4. *Gír.* Vestir-se de mulher; travestir-se.

chutar

2. *Gír.* Tentar acertar, arriscando; responder no chute (q. v.): 2
3. *Gír.* Pôr de lado; desdenhar, desprezar: 2

grampear

3. *Gír.* Imobilizar (alguém) para que outro o roube.

laranja

4. *Gír.* Agente intermediário, espanhol no mercado financeiro, que efetua, por ordem de terceiros, transações geralmente irregulares ou fraudulentas, ficando oculta a identidade do verdadeiro comprador, ou vendedor.

sacar

5. *Gír.* Entender, compreender; manjar.

trouxa

5. *Gír.* Pessoa tola, inábil, sem expediente, fácil de ser enganada.

Dentre os verbetes selecionados como *gíria*, encontramos 1.054 (um mil e cinquenta e quatro) classificadas como *brasileirismo* e *gíria* ao mesmo tempo. E, ainda, mais 68 (sessenta e oito) acepções marcadas como *brasileirismo*, *gíria* e alguma outra marca ou de *área de especialidade*, ou *obsoleta*, ou *desusada*, ou *depreciativa*, dentre outras. Ver Apêndice. Alguns exemplos:

fajuto

Bras. Gír.

1. De má qualidade; ruim.
2. V. cafona.

grana

Bras. Gír.

1. V. dinheiro.

vacilo

Bras. Gír.

1. V. bobeada.
2. V. mancada.

sarado

2. *Bras. Gír.* V. valentão.
3. *Bras. Gír.* Forte, rijo, resistente.

4. *Bras. Gír.* Guloso, comilão, glutão.
5. *Bras. Gír.* Esperto, sabido, velhaco, finório.
6. *Bras. Gír.* Malhado.

papo

8. *Bras. Gír.* Conversa, conversação; bate-papo.
9. *Bras. Gír.* A pessoa que conversa, dada à conversação; conversador.

Antes do comentário sobre esses exemplos, faz-se necessário explicitar o verbete “brasileirismo” utilizado no *Aurélio* (1999):

brasileirismo

S. m.

1. **E. Ling. Palavra ou locução própria de brasileiro.**
2. **E. Ling. Modismo próprio da linguagem dos brasileiros.**
3. E. Ling. Idiotismo do português do Brasil.
4. **Bras. Caráter distintivo do brasileiro e/ou do Brasil.**
5. Bras. Sentimento de amor ao Brasil; brasilidade.

Neste contexto, entendemos que não haveria necessidade de rotular os verbetes como *brasileirismo*, pois como estamos nos referindo a um dicionário pertencente à Língua Portuguesa que tem como referência o Brasil, supõe-se que grande parte das entradas sejam referentes ao país, não havendo, assim, a necessidade de virem marcadas como tal.

Outro caso que merece destaque é o verbete *anta*, que possui 04 (quatro) marcas para uma única acepção, vejamos:

3. **Gír. Obsol. Fut. Bras.** Jogador bisonho, que se deixa levar pelos empresários.

Neste caso, o consulente ao consultá-lo certamente não saberia a qual marca pertence, uma vez que a *gíria* é uma marca estilística; *futebol* caracteriza uma marca de linguagem de especialidade que deve ser evitada nas subáreas; *obsoleto*, uma marca temporal que indica que tal palavra já está em desuso, e *brasileirismo*, como já mencionamos, não seria uma marca necessária, por tratar-se de uma palavra utilizada no Brasil.

Percebemos, ainda, que há uma confusão quanto à utilização de algumas marcas, principalmente por terem significado idêntico, como:

antigo

1. Do tempo remoto.
2. Que existiu no passado.
3. Que sucedeu outrora.
4. Que é, ou existe, desde muito tempo; velho.
5. ***Que já não está em exercício (de cargo, função, profissão etc.).***
6. ***E. Ling. Arcaico.***

desusado

1. ***Que está fora de uso.***
2. ***Que não é usado.***

obsoleto

1. ***Que caiu em desuso; arcaico.***
2. V. antiquado.

Neste sentido, reforçamos o que temos reafirmado quanto à importância de os dicionários de língua trazerem explicações claras e adequadas acerca dos métodos utilizados para tratar a variação linguística presente no dicionário, bem como a utilização de tal método, evitando, assim, as divergências quanto às marcas e as dúvidas geradas nos consulentes.

Ainda, enfatizamos a necessidade de os dicionários passarem por constantes atualizações e modificações, para que não se tornem ultrapassados e antiquados quanto às categorizações referentes às variações linguísticas, em especial, a gíria.

4.4 – A gíria nos dicionários: divergências

Como vimos no segundo capítulo deste trabalho, a gíria possui uma forte ligação com o preconceito, pois, no decorrer da história, esteve relacionada a grupos marginalizados, além de ser considerada um vocabulário criptológico como afirma Preti (1984, p. 22):

A gíria, portanto, como mecanismo de agressão e defesa ganha um caráter social de elemento compensatório, meio de purgação da alma popular. Optando pelas formas gírias, deformando significantes da linguagem usual, criando significados especiais, o falante agride com esse vocabulário o convencional, opõe-se a um comportamento linguístico, escolhido pela maioria como *norma* e, assim, deixa marcado seu conflito com a sociedade.

Embora a gíria, historicamente, possa ser considerada como um mecanismo de defesa/agressão, nem sempre está relacionada a grupos marginalizados e pertencentes a uma classe menos favorecida, pois, devido à expansão e à ampla divulgação dos meios de comunicação em massa, aliada ao dinamismo e à velocidade das mudanças pelas quais a sociedade vem passando, tem seu emprego ampliado e generalizado na linguagem dos falantes de todos os níveis.

Assim, mesmo relacionada à linguagem e às situações menos formais e, conseqüentemente, a falantes das baixas classes sociais, a gíria eleva-se nos níveis sócio-culturais e integra-se no dia-a-dia da comunidade, ou seja, a gíria como meio de expressão popular sofre uma ascensão no nível hierárquico da linguagem, adquirindo maior prestígio nas diversas situações de comunicação. Tal transformação ocorre devido ao contato da língua oral com a escrita, presente, sobretudo, em alguns textos jornalísticos influenciados pelo rádio e pela televisão em seus diversos tipos de programação.

A partir dessa transformação, a gíria passa a fazer parte do cotidiano das pessoas em diversas situações: trabalho, escola, família, lazer etc. e, fazendo parte do uso diário, perde sua condição pejorativa de gíria e passa a ser anunciada como gíria comum, devendo, então, estar dicionarizada.

Diante desta ampliação do uso, atenuação depreciativa da gíria e sua conseqüente dicionarização, surgem divergências, principalmente quanto à rotulação desses vocábulos e suas respectivas abonações, que podem ser de autores consagrados ou de variantes da linguagem “comum e média” representadas pela mídia, uma vez que possuem uma “frequência alta e média” (BIDERMAN, 2004, p. 190).

O problema da rotulação de vocábulos gírios nos dicionários de língua é uma constante, uma vez que os critérios utilizados pelos lexicógrafos não são únicos e nem claros. Além disso, os dicionários não trazem explicações sobre os critérios estabelecidos quanto à rotulação dos verbetes como vimos anteriormente. Esta falta de rigor é notada claramente nos vocábulos gírios, pois, freqüentemente, são rotulados como *popular*, *familiar*, *brasileirismo*, dentre outras marcas.

A esse respeito, analisamos algumas gírias retiradas do dicionário *Aurélio* (1999), por meio da pesquisa reversa, presentes nos blogs analisados e fizemos o confronto com os verbetes do *Dicionário Houaiss* (2001):

aliviar

“Os adolescentes, descobrem rapidamente a oferta generosa de substâncias que prometem ***aliviar*** esses mal-estares experimentados na busca de sua identidade adulta.” **A busca pela imagem perfeita.** Blog da Rosely Sayão, 20/12/2006.

“Ter raiva e não ter a quem culpar é de enlouquecer. Talvez por isso as pessoas precisem tanto de um culpado... Para ***aliviar*** a pressão.” **Pena outra vez.** Blog da Soninha, 06/03/2007.

Aurélio

- 6. Bras. RJ. ***Gír.*** Dar cobertura a; proteger.
- 9. Bras. ***Gír.*** Roubar, furtar.

Houaiss

Uso: ***informal.***

8 dar à luz, parir

Ex.: <ela só aliviará amanhã> <deve aliviar-se dentro de poucas horas>

Uso: ***informal.***

9 defecar

Uso: ***informal.***

10 expelir gases pelo ânus, peidar

Uso: ***informal.***

11 copular

Regionalismo: *Rio de Janeiro*.

12 dar cobertura a; proteger

Regionalismo: *Nordeste do Brasil*.

13 tirar a vida a, matar

Regionalismo: *Brasil*.

14 furtar, roubar

Neste caso, fica evidente a divergência e a confusão que podem causar ao consulente tais definições, pois reafirma que as marcas de uso não são utilizadas seguindo uma norma lexical. O *Aurélio* (1999) traz como *gíria* somente duas acepções, já o *Houaiss* (2001) traz quatro acepções como *uso informal*, mas dentro do uso informal, segundo nota introdutória do dicionário, pode-se encontrar: *popularismos, plebeísmos, gíria, linguagem familiar e linguagem infantil*. Será que alguma delas foi rotulada como *gíria*?

bagulho

“... só trocando os *bagulhos*.” **Efeito Kajuru**. Jacaré Banguela, 21/01/2007.

Aurélio

7. Bras. *Gír*. Objeto furtado ou roubado.

8. Bras. *Gír*. V. maconha (2).

Houaiss

1 Regionalismo: Douro.

massa de bagos de uva pisados

2 Rubrica: botânica. Uso: informal.

semente da uva e de outros frutos bacáceos

2.1 Regionalismo: Trás-os-Montes.

semente de romã

2.2 Regionalismo: Índia.

caroço de tamarindo

Derivação: por analogia (*da acp. 2*). Uso: *informal*.

3 objeto usado e/ou de má qualidade; traste, cacaréu

4 Regionalismo: Brasil. Uso: *informal*.

coisa, objeto, pertence (qualquer objeto)

Ex.: <me passa esse b. aí> <trouxe seus b.?!>

Regionalismo: *Brasil*.

6 objeto roubado ou furtado

Derivação: por extensão de sentido (*da acp. 3*). Uso: *informal*.

7 pessoa muito feia ou muito envelhecida, acabada

Regionalismo: *Brasil*.

8 m.q. *maconha* ('droga')

Regionalismo: *Brasil*.

9 cigarro de maconha

Neste exemplo, percebe-se que a abonação referente à *gíria* em um dos dicionários é tratada como *regionalismo – Brasil* no outro, reforçando ainda mais as diferenças existentes quanto às marcas de uso nos dicionários.

bagunça

“... ir ao cinema a qualquer dia e hora, reunir os amigos em casa para jogar videogame, paquerar ou assistir a filmes comendo pipoca, contar piadas, jogar

conversa fora, fazer *bagunça* com a turma.” **Negociação de conflitos na adolescência.** Blog da Rosely Sayão, 28/01/2007.

Aurélio

2. *Gír.* Desordem, confusão, baderna, bagunçada.
3. *Gír.* Pândega ruidosa; bagunçada.

Houaiss

Regionalismo: *Brasil*.

- 1 máquina de remover aterro

Regionalismo: *Brasil, Angola, Moçambique*. Uso: *informal*.

- 2 falta de ordem; confusão, desorganização

Ex.: este quarto está uma *bagunça*.

Regionalismo: *Brasil*. Uso: *informal*.

- 3 farra ruidosa; baderna, bagunçada

Ex.: o professor faltou e os alunos estão fazendo a maior *bagunça* na sala

As divergências encontradas nas rotulações de marcas nos dicionários, como vimos nos exemplos anteriores, além de comprovar a falta de utilização de uma norma lexical, também mostram a crescente ampliação do uso da gíria comum na sociedade contemporânea, como reforça Preti (2004, p. 100):

[...] É o caso de palavras encontradas diariamente na conversação, na mídia, até na imprensa escrita, perdida a própria consciência de sua origem gíria: *legal, bárbaro, bronca, grana* etc. Em outras épocas elas estiveram ligadas a vocabulário de grupos restritos e, hoje, vulgarizaram-se, banalizaram-se na linguagem espontânea do dia-a-dia. Tornaram-se o que poderíamos chamar de *gíria comum*.

Desta forma, percebe-se que alguns dicionários já trazem alguns vocábulos gírios que, com as transformações e evoluções sociais, migraram de gíria de grupo para gíria comum como veremos nos exemplos a seguir:

bronca

“... eu e minha mulher tomamos uma **bronca** dos meninos.” **Cantiga de ninar e intimidades**. Reinaldo Azevedo, 01/02/2007.

“... e uma **bronca** merecida são alguns exemplos.” **Olho no olho**. Rosely Sayão, 06/02/2007.

Aurélio

Bras. ***Gír.***

1. **Repreensão, reprimenda, carão.**
2. **Protesto, reclamação.**
3. **Confusão, trapalhada.**

Houaiss

Uso: ***informal.***

- 1 **altercação ruidosa; desentendimento, pega, rolo**

Ex.: a b. entre as vizinhas acabou na polícia

Regionalismo: ***Brasil.***

- 2 **estado daquilo que é difícil, problemático; confusão, trapalhada**

Ex.: se não tiver b., a gente se reúne amanhã

Regionalismo: ***Brasil.***

- 3 **repreensão áspera; descompostura, sermão**

Ex.: depois da b. que levou, ficou ótima

Regionalismo: *Brasil*.

4 manifestação de descontentamento, ou crítica, a respeito de pessoa, estado de coisas etc.; reclamação, contestação

Ex.: <depois daquela b., pararam os atrasos no pagamento> <deu uma b. no sócio>

Regionalismo: Brasil.

5 sentimento de desagrado; implicância, cisma

Ex.: <tem b. dos amigos do namorado> <está com b. daquele bar>

Regionalismo: Brasil.

6 indignação, zanga

Ex.: ficou cheio de b. porque o criticaram

O vocábulo *bronca*, segundo o *Dicionário de Gíria*, de Serra e Gurgel (1999), foi publicado pela primeira vez em 1912, por Elysio de Carvalho, em *Gíria dos Gatunos Cariocas*, representando uma gíria de grupo com o significado de escândalo.

grana

“... estou conseguindo, que maravilha, sem *grana*, mas nada de contas atrasadas.” A

vida em movimento. Diário de uma jovem de 50 anos, 09/01/2007.

Aurélio

Bras. *Gír.*

1. V. dinheiro

Houaiss

Regionalismo: ***Brasil***. Uso: ***informal***.

m.q. ***dinheiro***

Já o vocábulo *grana*, citado por Cabello (1989), era um termo usado pelos malandros, retirado da obra de João Antônio – escritor reconhecido por representar a realidade brasileira de um grupo restrito marginal.

A partir das entradas analisadas, não haveria necessidade de divergências quanto à marca de uso *gíria* nos dicionários, pois, seguindo critérios lexicais definidos e únicos, todos os vocábulos pertenceriam a uma mesma categoria e seriam, então, rotulados de uma mesma maneira.

5. A DESCARACTERIZAÇÃO DA GÍRIA

A partir do momento em que a gíria de grupo perde seu elemento de auto-afirmação, de identificador social e até mesmo seu caráter de defesa e preservação de grupo, passa, então, a fazer parte das mais diversas situações de interação. Pode-se dizer, então, que a gíria perde sua verdadeira condição de signo de grupo e passa a fazer parte da linguagem popular.

É neste estágio que o desenvolvimento e a modernização da sociedade contribuem para a incorporação de novos vocábulos na língua.

Neste sentido, podemos afirmar que o uso constante da gíria está intimamente relacionado com o desenvolvimento da sociedade moderna, uma vez que a língua ganha uma dinâmica mais intensa, pois o homem interage, se locomove mais rapidamente, troca experiências virtualmente, faz tudo em uma velocidade nunca antes imaginada.

Esse processo de divulgação, ampliação e renovação da linguagem urbana, em especial a gíria, está ligado aos meios de comunicação em massa, que, ao atingirem uma parcela maior da população, propagam a “moda lingüística”, como afirma Preti (1996 apud VENEROSO, 1999, p. 82):

Na vida urbana moderna, ao lado do rádio e da TV, a imprensa está na linha de frente das transformações lingüísticas, em particular na luta pela ocorrência das formas populares com as cultas. E, nesse terreno, a gíria avança cada vez mais.

5.1 – A gíria e a mídia

A linguagem da mídia é uma das principais responsáveis pela atenuação do preconceito contra os vocábulos gírios, pois é a partir dela que essas unidades incorporam-se nas diversas situações sociais, tornando-se parte da linguagem popular, comum.

Os meios de comunicação em massa, ao divulgarem alguns vocábulos gírios, provocam uma maior aceitabilidade por parte da maioria do público, além de contribuir para uma renovação lexical, pois determinadas gírias de grupo, quando divulgadas, necessitam ser substituídas para manter seu caráter criptológico.

Como consequência da crescente divulgação da gíria nos meios de comunicação, observa-se uma ampliação do uso, principalmente na linguagem dos blogs, como veremos abaixo:

“Tão gostoso que nem *dei muita bola* pro carneiro cozido com favas brasileiras que viria a seguir.” **Gosto de Brasil**, Marcelo Katsuki, 18/01/2007.

“Tucanos não te *dão bola*”, “Faz tempo que eles não me *dão bola*.” **Freio de arrumação**. Reinaldo de Azevedo, 13/01/2007.

“Só uns gatos pingados do partido *deram bola* para ele.” **Por que Serra apoiou o PT na Câmara? Resposta do PT: para derrotar FHC**, Fernando Rodrigues, 02/02/2007.

“... porque é obviamente condenável, e nem *dá bola* para um milhão de outras atitudes importantes.” **Tensão Pós Manifestação**, Soninha, 07/02/2007.

“Enquanto seus amigos *curtem* um passeio no parque ...”

“ *Curtindo* as férias no Navio Sky Wonder ... além de *curtir* o sotaque delicioso ...”

Jacaré Banguela, 03/02/2007.

“Lula estaria *curtindo* a sua segunda aposentadoria.” **Freio de arrumação**, Reinaldo

Azevedo, 13/01/2007.

Podemos perceber que, ao lermos textos com estas expressões, geralmente não tomamos conhecimento de que se tratavam de expressões gírias, na acepção que destacamos no dicionário *Aurélio* (1999):

dar bola

Bras. *Gír.*

1. Dar confiança a; dar entrada a, para namoro. [Aplica-se, em geral, às moças.]

2. Dar atenção a; ligar importância a.

3. Peitar, subornar.

curtir

Bras. *Gír. Gozar, desfrutar, deleitar-se.*

Tais expressões, hoje, já fazem parte da linguagem popular, já se integraram ao uso oral comum, tornaram-se normais.

Ainda relacionada à enorme abrangência dos meios de comunicação e à crescente modernização da sociedade, nota-se que a internet, assim como a mídia, tende ao uso de uma linguagem que seja acessível a um número maior de pessoas.

Nesse sentido, a internet procura aproximar a linguagem escrita da oral, como recurso para quebrar a formalidade, forçando uma interação maior entre o leitor e o escritor. A simplicidade na linguagem é uma condição essencial a este tipo de texto, pois todos os leitores têm o direito de entender qualquer texto cuja temática seja política, economia, internacional etc.

Na busca da aproximação, da simplicidade e da aceitabilidade lingüística, a internet procura um “meio termo” entre a norma culta e a falada que seja constituída de palavras e expressões que são possíveis e aceitas no registro formal ou, como afirma Preti (2003b, p. 62), que fazem “parte de uma *norma comum*, intermediária”.

Hoje, a internet constitui-se uma das maiores divulgadoras da dinamicidade lingüística, graças a sua rapidez de interação, a seu processo de atualização instantâneo e à velocidade com que se propaga em todos os setores.

É incontestável a influência da internet nas mais diversas atividades humanas no mundo contemporâneo, pois praticamente todos os setores de nossas vidas foram e continuam sendo influenciados pelo desenvolvimento tecnológico.

Neste sentido, a internet faculta a criação de um novo espaço, onde novas manifestações subjetivas e novas formas de relacionamento se tornam possíveis.

Sob esse aspecto, Oliveira (2005, p. 93) ressalta:

As tecnologias da informação e do conhecimento passaram de um simples aplicativo de informática a um importante dispositivo de interação, veiculação e circulação de discursos, ideologias e manipulações de mentes e imagens para compor as simulações e simulacros desejados pelo homem.

A internet, assim como todos os veículos de comunicação, sob o ponto de vista da eficácia da comunicação, acessível a um número maior de usuários, deve utilizar uma linguagem clara, eficiente e de aceitação social, propiciando, assim, uma maior diversidade lingüística, além de constituir-se em um dos maiores divulgadores

da gíria, pois “os *sites* e os diálogos na Internet podem propiciar excelente material para o conhecimento da gíria” (PRETI, 2001, p. 243) e, conseqüentemente, maior aceitabilidade da gíria.

5.1.1 – Blogs

Blog é uma abreviação de *weblog* (*web* – rede, *teia* e *blog* – registro) e pode ser usado para quaisquer registros freqüentes de informações *on line*.

Assim como a gíria, o blog foi e é interpretado de maneira equivocada por muitos, ao ser considerado como um “diário virtual”, em que é feito o registro de coisas banais, sem interesse, de assuntos referentes às atividades diárias de uma pessoa qualquer ou de piadas e brincadeiras.

O blog é um suporte de informações, semelhante a uma *home page* composta por registros freqüentes de informações feitas no meio *on line*. Hoje, é considerado um novo paradigma de aquisição e disseminação de informação, servindo como alternativa à mídia tradicional, pois é uma página da *web* atualizada constantemente, formada por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica.

Utilizar um blog é como mandar uma mensagem instantânea para toda a *web*, com as seguintes vantagens: maior facilidade de criação e atualização; veiculação da informação em tempo real, organizada cronologicamente; maior possibilidade de interação com o leitor, que pode emitir comentários, críticas, sugestões, mandar recados etc.; ferramenta de interação com *links* diversos; diversidade de meios de multimídia como imagens, fotos, áudio, vídeos, tudo ao mesmo tempo.

Os blogs possuem conteúdos e temas sobre uma infinidade de assuntos que vão desde diários, piadas, notícias, poesias, fotografias, idéias, *links*, enfim, tudo o que a imaginação do autor permitir. Podem, ainda, ser utilizados de forma privativa,

como uma excelente ferramenta de comunicação entre a família, os amigos, o grupo de trabalho ou até mesmo entre as empresas.

Atualmente, os blogs são vistos como um tipo de mídia informativa, pois esse sistema de informação instantânea e de interação simultânea foi descoberto por repórteres e editores de vários países, passando a servir de ferramenta para um novo gênero de jornalismo. Os jornalistas colocam juntamente com a notícia comentários e opiniões que normalmente são deixados de lado na cobertura noticiosa, ao mesmo tempo em que se colocam em contato direto com os leitores, os quais discutem, comentam e até sugerem outros links de notícias publicadas em outros veículos de comunicação, tudo para ampliar os horizontes da interação virtual.

A existência de mais de 70 milhões de blogs é um fator positivo, pois há uma grande quantidade de informação em circulação. Esse processo de globalização, que já faz parte de nossa cultura, tem contribuído muito para a aceitabilidade da gíria, ou seja, a utilização de vocábulos gírios que, com a intensidade da frequência, passaram a fazer parte da linguagem popular. O uso constante de tais termos não tem causado estranhamento ao leitor, muito menos ao redator que, na maioria dos casos, os utiliza sem ao menos se dar conta, pois já pertencem ao vocabulário comum.

5.2 – A aceitabilidade da gíria

Como mencionado em capítulos anteriores, a gíria teve sua origem relacionada a grupos sociais renegados e marginalizados, ou seja, era tida como a linguagem de um grupo de ladrões, representando os termos criados e utilizados por eles, excluindo todos os outros que não pertencessem a este grupo.

A linguagem gíria representava os modos de vida de um grupo, de uma classe marginalizada da sociedade, a qual identificava as atividades do grupo e tornava-o

único, específico. O caráter criptológico da gíria garantia a coesão do grupo e visava à preservação da sua identidade social.

A gíria, a partir do momento em que se tornava conhecida, que não era mais um signo identificador do grupo, passava a ser uma gíria comum, pois já estava incorporada à linguagem popular, principalmente à camada popular menos culta.

Mesmo a gíria sendo utilizada pela população, era vista como uma linguagem degradante, difamadora, pois exprimia os sentimentos, as idéias mais baixas, o aborrecimento, a irritação de seus falantes em relação aos valores sociais, culturais e políticos estabelecidos pela sociedade.

Graças à democratização da sociedade, a gíria perde seu caráter pejorativo e é incorporada às mais variadas situações de interação verbal.

A partir da década de 1960, os movimentos político-sociais de democratização propiciaram uma maior abertura nos hábitos políticos, sociais e culturais, proporcionando, assim, uma maior abertura, principalmente no campo da linguagem.

Nesse contexto histórico, a mídia passa a ter uma participação cada vez maior na vida social e política. A música popular, o cinema, o rádio, a televisão, as propagandas, os esportes etc. passam a ser os maiores divulgadores da linguagem gíria. Tudo devido ao processo dinâmico e à rapidez com que são aceitas as novas expressões, rompendo, assim, os tabus até então arraigados e tornando-se aceitas em diversos registros e situações, ou seja, passando a fazer parte de todo e qualquer discurso da mídia.

A aceitabilidade da gíria deve-se, hoje, ao seu largo uso na mídia, a qual exerce grande influência para a fixação, nivelamento e uniformização de uma linguagem comum:

Os meios de comunicação em massa tentam, hoje, uma aproximação entre a linguagem falada e a escrita, e, por

isso, a imprensa, o rádio, a tevê e o cinema servem-se, quase sempre, de uma *norma comum*, intermediária, que satisfaz ao *receptor*, aproximando-se de sua linguagem falada e que, por outro lado, não choca as tradições escritas, com a obediência à ortografia oficial etc. (PRETI, 2003b, p. 62).

É o que se percebe nos exemplos seguintes, retirados dos blogs, sobre assuntos diversos, em que algumas palavras gírias são utilizadas e, às vezes, nem são percebidas pelos leitores, por já fazerem parte da linguagem do dia-a-dia ou até terem perdido progressivamente o seu valor giriático:

“... uma briga de casal que se *desenrola* pelo celular?” **O limite entre o público e o privado.** Rosely Sayão, 17/01/2007.

“Você vai ficar *enrolando* até às 17h com absolutamente nada pra fazer.” **Vadiagem no carnaval.** Jacaré Banguela, 16/02/2007.

“Isso é coisa de amador *espertinho* sem nenhum brilho.” **Fashion é ter compromisso social.** Zé da mídia, 29/01/2007.

“Os protestos *engrossaram*.” **Missão quase impossível 1.** Blog da Soninha, 04/02/2007.

“A fatia Pró-Chinaglia do PMDB *armou* o encontro às pressas ...” **Chinaglia tenta até reescrever o passado.** Reinaldo Azevedo, 09/01/2007.

O uso constante da gíria pelos blogs acaba por enfraquecer a resistência de alguns falantes, que passam a empregá-la até mesmo em situações mais formais,

deixando clara a indefinição quanto aos limites existentes entre a gíria e a linguagem popular.

Devido a sua ampla divulgação, a gíria foi misturando-se à linguagem comum, de modo que passou a ter muita afinidade, inclusive sendo dicionarizada, como mencionamos anteriormente, e até confundida como uso *familiar*, *popular* ou *informal*.

A este respeito, percebe-se o caso do vocábulo **dica**, que ultrapassou a barreira da gíria e, hoje, está incorporado à linguagem comum da sociedade moderna devendo, portanto aparecer nos dicionários sem a marca *gíria*.

“Uma **dica** boa de filme, ...” **JB’s da semana**, Jacaré Banguela, 18/02/2007.

“Se não foi, uma **dica** é procurar ...” **Lucas 23:34**, Jacaré Banguela, 09/02/2007.

“Uma **dica**: recomendo o filme ...” **O Motim**, Defesa do consumidor, Maria Inês Dolci, 31/03/2007.

“A **dica** é do próprio Edu.” **Hoje em dia**. Comes e Bebes, Marcelo Katsuki, 25/03/2007.

“**Dica** de quem tem mente obesa ...” **Mais você**. Comes e Bebes, Marcelo Katsuki, 25/03/2007.

“Para quem gosta de Fórmula I, uma boa **dica** é assistir à corrida ...” **Esporte**, Torero, 22/10/2006.

“Traduzir em palavras o que ela expressa é uma boa **dica**.” **Mãe dói**. Rosely Sayão,

11/12/2006.

O vocábulo **dica** recebe no dicionário *Aurélio* (1999) a marca de uso *brasileirismo* e *gíria* referente a uma “informação ou indicação nova ou pouco conhecida”. Mesmo rotulado como *gíria* hoje, é muito utilizado no dia-a-dia pelos falantes como uma linguagem comum, ou seja, não sendo considerado como *gíria*. A aceitabilidade deste vocábulo pela linguagem comum deve-se ao fato de que o seu significado passou de uma “informação nova” a uma “boa informação”, a uma “boa indicação”, ou seja, é uma informação e uma indicação privilegiada ou uma opção de destaque. E podemos perceber que alguns exemplos já são reforçados com a expressão “boa dica”.

Ainda como exemplo da aceitabilidade das palavras *gírias* na linguagem comum, mencionamos a palavra **cara**.

“..., um **cara** em quem você confia, um **cara** que não vai lhe provocar dores desnecessárias.” **Qual o seu zagueiro inesquecível?** Blog do Torero, 15/02/2007.

“... eles se ofereceram para ir atrás do **cara** ...” **Mundo cão**. Blog da Soninha,

22/01/2007.

“Não é possível que esse **cara** criou o tópico ...” **Lucas 23:34**, Jacaré Banguela,

09/02/2007.

“O **cara** é tão viciado em carnaval ...” **JB’s da semana**, Jacaré Banguela,

18/02/2007.

“Eu sou o *cara* que tirou a máscara do partido que ...” **Lula se junta à querida companheira Roseana Sarney**, Reinaldo Azevedo, *Veja*, 21/02/2007.

O termo *cara*, há algumas décadas, era visto de forma pejorativa, pois expressava uma pessoa atrevida, ousada, audaciosa, que, de certa forma, era mau caráter e agia contra as normas da sociedade.

No entanto, sabe-se que a palavra *cara* é utilizada pela maioria dos falantes com o sentido de um indivíduo qualquer, uma pessoa que não se conhece, com quem não se tem um relacionamento pessoal. É, como reforça Preti (2004, p. 96), o termo usado para identificar “a terceira pessoa do discurso de maneira informal, às vezes, até afetivo”. Por isso, pode-se considerar que já esteja completamente incorporado à linguagem comum, não necessitando, assim, trazer a marca de uso gíria.

Um outro exemplo característico da aceitabilidade da gíria e sua conseqüente perda de tabu foi o que aconteceu com o vocábulo *transa*, considerado como um termo obsceno, relacionado ao sexo e que representava ações que eram contrárias à moral e aos bons costumes da sociedade. Dessa forma, estava associado a determinados grupos sociais, como as prostitutas, os jovens, dentre outros.

Mas graças às transformações ocorridas na sociedade moderna, à revolução sexual e ao afrouxamento dos tabus morais, hoje a palavra *transa* passa a ser aceita de forma natural, incorporando-se às mais diferentes situações da fala e da escrita, como podemos observar nos exemplos a seguir:

“Quem *transa* em público ...”

“... a ex-mulher de Ronaldo, o Fenômeno, *transa* à luz do dia ...”

“A *transa* na praia, não vi ...” **Indecente não é sexo. Indecente não é acessar o vídeo. Indecente é a censura. Indecente e inútil.** Ronaldo Azevedo. *Veja*, 10/01/2007.

“... fica achando que só porque *transa* é livre e independente.” **Futebol e adjacências.** Blog da Soninha, 06/03/2007.

“... fui ao Brasil por uma única razão: *transar*.” **No Brasil o sexo é barato.** Cinderela se rebela. Tânia Rocha, 18/03/2007.

Nota-se que a palavra *transa* é utilizada no lugar de “relação sexual”, o que demonstra a rápida transformação dos costumes, principalmente em relação aos conceitos de moralidade e à gradativa desmistificação do sexo através das mudanças no contexto sócio-cultural. Tais transformações acabaram por permitir uma maior discussão sobre os temas relacionados ao sexo e seu aparecimento na mídia.

Neste sentido, o uso constante da gíria no dia-a-dia dos falantes faz com que ela perca, definitivamente, a sua identificação de gíria comum, mesmo estando presente nos dicionários de língua. Como reforça Biderman (2004, p. 194), “uma palavra faz parte do patrimônio léxico da língua se ela tiver sido usada num determinado número de vezes por diferentes falantes e tiver ocorrido em mais de um tipo de texto (gênero)”. Assim, não seria necessário vir marcada como *gíria*.

A esse respeito, o dicionário *Houaiss* (2001) rotula os vocábulos designados como *gíria* no *Aurélio* (1999) como *informal*, causando algumas dúvidas, pois a *linguagem informal* é a denominação genérica utilizada por ele para classificar outras fontes, como *popularismo*, *gíria*, *plebeísmo*, *linguagem familiar* e *linguagem infantil*. Vejamos:

dica

Regionalismo: *Brasil*. Uso: *informal*.

informação ou indicação boa; plá, pala

engrossar

7 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: *Brasil*. Uso: *informal*.

ser descortês, grosseiro com

8 Derivação: sentido figurado, por extensão de sentido. Regionalismo:

Brasil. Uso: *informal*.

tornar-se violento

9 Regionalismo: *Brasil*. Uso: *informal*.

lisonjear (alguém) de modo excessivo; adular, bajular

espertinho

Regionalismo: *Brasil*. Uso: *informal*.

1 *que ou aquele que quer bancar o esperto, que tenta passar a perna*

nos outros

2 *que ou aquele que age de forma incorreta ou pouco ética para tirar*

vantagem para si, em detrimento dos outros

Em alguns casos, os vocábulos, por já estarem cristalizados na linguagem comum, aparecem no dicionário sem nenhuma marca de uso, reforçando a descaracterização do uso da gíria. É o que observamos nos exemplos abaixo, retirados do dicionário *Houaiss* (2001):

cara

1 m.q. **face** (med)

2 Derivação: por extensão de sentido.

expressão, semblante

3 Derivação: por extensão de sentido.

configuração exterior (de alguém ou de algo); aparência, aspecto

4 o verso, a frente de uma moeda

Obs.: p.opos. a *coroa*

5 Derivação: sentido figurado.

falta de vergonha; atrevimento, ousadia, descaramento

6 Regionalismo: Portugal. Uso: informal.

dois mil réis

7 **indivíduo qualquer; sujeito, pessoa**

8 Regionalismo: Brasil.

us. como *interlocutório pessoal*

transa

Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

1 ajuste para a consecução de determinado fim; acordo, combinação;

negócio

2 questão, assunto

3 maquinação para a execução de mau desígnio; trama

4 **relação amorosa**

5 **relação sexual**

Essa linguagem, antes chamada *gíria comum*, passa a ser utilizada em várias situações de comunicação nas quais não era antes sequer imaginada, tornando-se

difícil determinar se é ou não gíria. Sobre esses vocábulos que conseguiram ultrapassar os limites da gíria comum e que estão presentes na mídia, Calvet (1991 apud VENEROSO, 1999, p. 123) afirma que:

A partir daí, não há como distinguir, do ponto de vista lexicográfico, uma gíria de uma não-gíria: as raras diferenças mostram mais uma estilística que propriamente uma informação e a função criptológica, que freqüentemente evocamos, não caracteriza mais o que se chama gíria.

Assim, a aceitabilidade desse fenômeno de transição por parte da sociedade é o que denominamos como a descaracterização da gíria. A este respeito, será feita uma explanação de alguns vocábulos constantes nos blogs e que já deveriam constar dos dicionários de língua sem a marca gíria e nenhuma outra, por já fazerem parte da linguagem comum:

“Na hora da **bronca**, ela recai também sobre o indivíduo...” **Tensão Pós-**

Manifestação. Blog da Soninha, 07/02/2007.

“... parece que o governo do Lula tem vocação para escândalos, ... e a **bronca** é que vamos ter mais quatro ...” **O blindado sorriso cínico do petismo.** Reinaldo

Azevedo, *Veja*, 21/02/2007.

“... e uma **bronca** merecida são alguns exemplos.” **Olho no olho.** Rosely Sayão,

06/02/2007.

“Até minha mulher me deu uma **bronca**.” **Ministro japonês chama mulher de**

máquina de parir. Cinderela se rebela, 03/02/2007.

O vocábulo **bronca** é registrado no dicionário *Aurélio* (1999) como um *brasileirismo* e como uma *gíria* significando “1. repreensão, reprimenda, carão; 2. protesto, reclamação; 3. confusão, trapalhada”.

Na primeira e segunda citações, o termo foi utilizado como repreensão, reclamação. A terceira e quarta citações, por sua vez, se enquadram como repreensão, reprimenda.

Percebemos que, devido ao uso constante em diversas situações como nas mencionadas nos exemplos educação, política e geral, o termo **bronca** já está incorporado à linguagem comum, não havendo necessidade de trazer a rubrica *gíria*, pois já está descaracterizado como tal.

Este foi um assunto do meu primeiro *saia-justa*. **Tensão Pós-Manifestação**. Blog da Soninha, 07/02/2007.

A expressão *saia-justa* ganhou visibilidade e aceitabilidade devido a um programa televisivo com o mesmo nome, que passou a ser observado e criticado pelo fato de suas apresentadoras passarem por momentos constrangedores durante as exibições, transmitidas ao vivo.

Daí a sua definição estar em consonância com o significado encontrado no dicionário *Aurélio*: “situação desfavorável e/ou embaraçosa, desconcertante” e que faz jus à norma lingüística da mídia em que sua utilização passou a ser aceita em toda e qualquer situação de comunicação, independente da faixa etária.

Podemos verificar que o uso constante de palavras gírias, graças à presença na mídia e sua inserção nos dicionários, ultrapassou as barreiras lingüísticas, estando incorporadas em vários contextos de comunicação. Tal processo só vem reafirmar a aceitabilidade quanto ao uso em todos os níveis sociais, etários, escolares, culturais

etc., com sua conseqüente descaracterização, passando, assim, a fazer parte integrante da linguagem comum:

“Confesso que não era muito *fã* do ‘Hell’s Kitchen’.” **Santo Gordon**. Marcelo

Katsuki, 20/03/2007.

“... quase aveludado e quem prova vira *fã*.” **O picolé de melão da Sophia Bistrô**.

Marcelo Katisuki, 22/12/2006.

“Sou *fã* de Telê e faço um culto à arte e à beleza.” **Beleza não é causa de fracasso**.

Blog da Soninha, 14/10/2006.

“... a revista tinha alguma coisa a ver com o João Moreira Salles, de quem sou *fã*.”

Piauí. Blog da Soninha, 17/10/2006.

No dicionário *Aurélio* (1999), o referido vocábulo é rotulado como gíria – admirador exaltado de certo artista de rádio, cinema, televisão etc. Hoje, podemos afirmar que o vocábulo *fã* perdeu definitivamente sua identificação de gíria e, portanto, já está cristalizado na linguagem comum.

A presença da gíria comum nos blogs e sua inserção nos dicionários, mesmo estando marcada ora como *gíria* ora como uso *informal*, só vem confirmar a aceitabilidade quanto ao uso em todos os níveis sociais, etários, escolares etc. Essa aceitabilidade faz com que a gíria seja, gradativamente, utilizada por um número maior de pessoas e seja descaracterizada, tornando-se parte integrante da linguagem comum.

Podemos, ainda, mencionar outros exemplos de vocábulos gírios que, de acordo com o prestígio social alcançado na sociedade e a ampliação do uso na época contemporânea, e com a influência dos blogs, perderam definitivamente seu caráter gírio, passando a fazer parte da linguagem comum:

“mas ainda é uma *jóia* esta definição de sonho.” **Quando o jornal nos faz sorrir.** Blog da Soninha, 22/01/2007.

“Lula estaria *curtindo* a sua segunda aposentaria.” **Freio de arrumação.** Reinaldo Azevedo, *Veja*, 13/01/2007.

“... em frente ao computador enquanto os amigos *curtem* um passeio ...” **JB’s da semana.** Jacaré Banguela, 03/02/2007.

“*Curtindo* as férias no navio Sky Wonder, ... além de *curtir* o sotaque delicioso dos ...” **JB’s da semana.** Jacaré Banguela, 03/02/2007.

“... se não beber será um *trouxa*.” **Coma-me, beba-me.** Blog da Soninha, 30/01/2007.

“O consumidor já está em situação difícil e ... quando se *afunda* mais ...” **Mais abuso dos bancos.** Defesa do consumidor. Maria Inês Dolci, 06/02/2007.

“... expõe em sua coluna, uma realidade *mascarada* por aqueles que reclamam ...” **Pobreza de Justiça.** Defesa do consumidor. Maria Inês Dolci, 04/02/2007.

“Sempre que houver uma *brecha* e a disposição para negociar ...” **Pobreza de Justiça.** Defesa do consumidor. Maria Inês Dolci, 04/02/2007.

“Vamos reconhecer: para *bancar* esse lugar de educador é preciso ...” **Educar contraria os mais novos.** Rosely Sayão, 15/02/2007.

“No segundo mandato, ..., o discurso *inflamado* ..” **Diogo declara guerra a Lula.** Reinaldo Azevedo, *Veja*, 13/01/2007.

“... e do não comprometimento das tantas *pizzas* do passado.” **FHC, uma nota, a crise, um partido sem comendo.** Reinaldo Azevedo, *Veja*, 13/01/2007.

“Também vale o registro que a oposição, quase toda, *apelou* para um golpe ...” **Dirceu explica Chávez.** Reinaldo Azevedo, *Veja*, 13/01/2007.

“O rapaz foi pedir emprego *bacana*.” **Irmão de Lula vira peça do marketing presidencial.** Reinaldo Azevedo, *Veja*, 13/01/2007.

“Vou me inscrever, vou *batalhar* para eu mesmo conseguir.” **Irmão de Lula vira peça do marketing presidencial.** Reinaldo Azevedo, *Veja*, 13/01/2007.

“Acordo com o PT quatro meses depois do dossiê, com os *aloprados* todos por aí, *dando sopa*, sem punição nem investigação ...” **Se isto é política, então política não é uma coisa boa.** Reinaldo Azevedo, *Veja*, 13/01/2007.

“Como não sou e não tenho ..., *encho o saco* dos outros.” **A crise tucana: verdades, mistificações e saída.** Reinaldo Azevedo, *Veja*, 13/01/2007.

“... só me restou um lema, com o qual *enchíamos o saco* do Partido.” **Freio de arrumação.** Reinaldo Azevedo, *Veja*, 13/01/2007.

“... tem de ficar *enchendo o saco* ...” **Geografia não é destino.** Mas é política. Reinaldo Azevedo, *Veja*, 09/01/2007.

“O *cara* é tão *viciado* em carnaval que não se importou ...” **JB’s da semana.** Jacaré Banguela, 25/02/2007.

“*descolar* um *papo* profundo e falar muita bobagem, só para rir.” **A vida com amigos.** Diário de uma jovem de 50 anos, 20/01/2007.

“... estou conseguindo, que maravilha, sem *grana*, mas nada de contas atrasadas.” **A vida em movimento.** Diário de uma jovem de 50 anos, 09/01/2007.

Observamos que vocábulos como *curtir*, *cara*, *apelar*, *inflamado*, *afunda* etc. divulgados amplamente pela internet – em especial nos blogs – já se incorporaram ao uso dos falantes em diversas situações e, portanto, perderam a sua característica de gíria integrando-se à linguagem comum.

Concluímos, portanto, que o uso constante da gíria concorre para sua aceitabilidade por parte da sociedade e o desaparecimento de sua caracterização inicial. Desta forma, a gíria, ao fazer parte da linguagem do dia-a-dia, perde a sua função inicial, não havendo a necessidade de vir rotulada como gíria.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, foi objeto deste trabalho mostrar as palavras gírias, quando divulgadas por meio dos blogs, mesmo estando dicionarizadas, passam a ter uma aceitabilidade maior, perdendo, assim, a sua característica pejorativa de gíria. Como consequência dessa descaracterização da gíria nos blogs, está o fato de elas serem utilizadas normalmente na linguagem comum.

Para tal, fizemos um rápido histórico sobre a gíria, enfatizando sua semelhança com o *jargão* e o *argot*, bem como sua relação com os grupos marginalizados e excluídos, comprovando, assim, sua forma inicial preconceituosa de baixa linguagem e a gíria como alvo de rejeições lingüísticas.

Em seguida, mostramos que a gíria surge de um vocabulário criptológico pertencente a um grupo restrito, geralmente marginalizado. O grupo social cria as suas próprias normas e regras que orientam e controlam o grupo para manter a coesão e identidade.

À medida que os vocábulos gírios tornam-se públicos e são utilizados por um número maior de pessoas, que não pertencem ao grupo restrito, são substituídos. A gíria que se tornou pública passa a ser utilizada em diversas situações de comunicação e é, então, incorporada à linguagem popular, perdendo a verdadeira condição de gíria de grupo.

Fizemos, ainda, algumas considerações sobre os dicionários de língua, que, ao representarem a memória coletiva de uma sociedade, devem estar pautados em uma norma lexical que respeite a diversidade lingüística em uso.

Neste sentido, as análises mostraram que os dicionários de língua possuem divergências quanto à utilização das marcas de uso, causando grande confusão ao consulente. Verificamos, também, que a parte introdutória dos dicionários de língua

não é clara e explicativa, principalmente quanto à utilização das marcas de uso reforçando a necessidade de uma sistematização de categorias de marcas de uso.

Prosseguindo com as análises, percebemos que há muitas divergências nos dicionários de língua em relação à marca de uso *gíria*. As transformações sociais, por meio de novos hábitos sociais, produzem novos comportamentos lingüísticos que afetam a atitude do falante. Sabe-se que um dos fatores preponderantes para a mudança lingüística está associado aos meios de comunicação em massa, que, ao possibilitarem a eficácia da comunicação e a acessibilidade a um número maior de pessoas, promovem uma renovação lexical. A divulgação de vocábulos gírios e a crescente aceitação, tanto na fala quanto na escrita, fazem com que esses vocábulos se vulgarizem e sejam incorporados à linguagem comum.

Nesse estágio de incorporação à linguagem comum, os vocábulos gírios perdem a sua característica de *gíria*, tornando-se vocábulos comuns, ou seja, são descaracterizados como *gíria*.

Finalmente, entende-se que a divulgação dos termos gírios pelos blogs tem contribuído para a descaracterização do fenômeno *gírio*, ratificando-se o objetivo principal desta pesquisa. Justifica-se, então, a necessidade de uma teoria lexical que evite certas incoerências observadas nos dicionários em relação às marcas de uso, em especial a *gíria*.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETING, G. A degustação da nova safra. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, ano I, n. 11, p. 26-29, set. 2006.

BEZERRA, M. A.; MAIOR, A. C. S.; BARROS, A. C. S. A gíria: do registro coloquial ao registro formal. In: **Cadernos do IV Congresso Nacional de Lingüística e Filologia**, v. 3. Rio de Janeiro, 2000, p. 37-51.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Lingüística**: teoria lexical e lingüística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Análise de Dois Dicionários Gerais do Português Brasileiro Contemporâneo: o *Aurélio* e o *Houaiss*. In: ISQUERDO, A. N. & OLIVEIRA, A. M. P. P. de. (Org.). **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2004, p. 185-2000.

_____. Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade. **Alfa**, São Paulo, v. 47, p. 53-69, 2003.

_____. Os Dicionários na Contemporaneidade: Arquitetura, Métodos e Técnicas. In: ISQUERDO, A. N. & OLIVEIRA, A. M. P. P. de. (Org.). **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1998, p. 129-142.

_____. A nomenclatura de um dicionário de língua. In: **Estudos Lingüísticos XXIII e anais do XLI Seminário do GEL**. Ribeirão Preto, 1994.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

_____. **Pequeno vocabulário de lingüística moderna**. São Paulo: Nacional, 1971.

BURKE, P e PORTER, R. (Orgs.). **Línguas e Jargões**: contribuições para uma história social da linguagem. Traduzido por Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. Título original: **Languages & Jargons**: Contributions to a Social History of Language.

CABELLO, A. R. G. **Gíria**: vulgarização de um signo de grupo? (Estudos a partir de contos de João Antônio). Assis, 1989. 390 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista.

_____. Processo de formação da gíria brasileira. **Alfa**, São Paulo, v. 35, p. 19-53, 1991.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de Lingüística e Gramática**: referente à língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Princípios de lingüística geral**: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

CARVALHO, E. O verbete na linha de produção. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, Ano I, n. 11, p. 22-25, set. 2006.

COELHO, B. J. Dicionários: estrutura e tipologia. **Athos & ethos**, Patrocínio, v. 3, p. 41-71, 2003.

DI LUCCIO, F. **As múltiplas faces dos blogs**: um estudo sobre as relações entre escritores, leitores e textos. Rio de Janeiro, 2005. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Lingüística**. Tradução de Izidoro Blikstein e equipe. São Paulo: Cultrix, 2001.

ELIA, S. **Sociolingüística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Eduff/Proed, 1987.

ELIAS, M. M. M. **A gíria das drogas**: uma análise sociolingüística. São Paulo, 2000. 161 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FARACO, C. A. A linguagem e o homem. In: FARACO, C. A & FLORIANE, D. (Orgs.). **Linguagem e sociedade**. Curitiba: SECE/Biblioteca Pública do PR, 1985.

FERRAZ, A. P. **A etiquetagem de unidades léxicas em obras lexicográficas brasileiras**: um estudo sob as perspectivas diatópica, diastrática e diafásica. Araraquara, 1998. 327 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio – Século XXI** – Dicionário eletrônico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GAUTÉ, C. C. de A. **A gíria de farda**: análise da fala de caserna na Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos do Exército. Santa Maria, 2000. 191 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

ILARI, R. e BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

KRIEGER, M. da G. Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO, C. S. (Org.). **Questões de Lingüística**. Passo Fundo: UFP, 2003.

LARA, L. F. **El Concepto de Norma en Lingüística**. México: El Colegio de México, 1976.

MARTINS, E. Fora do baile das palavras. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo: Ano I, n. 11, p. 26-27, set. 2006.

MICHAELLIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOREIRA, J. T. **Uma visão lexicográfica de brasileirismos**. Brasília, 2005. 93 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, M. F. A. **O tratamento da sinonímia no dicionário escolar**. Brasília, 2001. 106 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, M. R. M. Sujeito virtual: o ser entre a simulação e a realidade. **Diálogos Pertinentes**. Franca, v. 1, n. 1, p. 88-101, jan./ dez. 2005.

PRETI, D. (Org.) *et al.* **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas, 2005.

_____. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. **Léxico na Língua Oral e na Escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003a.

_____. **Sociolingüística: os níveis de fala**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003b.

_____. **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. Dicionário de gíria. **Alfa**. São Paulo, v. 44, p. 57-73, 2000.

- _____. Norma e variedades lexicais urbanas. In: CASTILHO, A. T. (Org.) **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- _____. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- RECTOR, M. **A fala dos jovens**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- RECUERO, R. da C. Comunidades Virtuais, uma abordagem teórica. **Revista da Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 109-126, jul./dez. 2001.
- REMENCHE, M. de L. R. **As criações metafóricas na gíria do Sistema Penitenciário do Paraná**. Londrina, 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina.
- SERRA e GURGEL, J. B. **Dicionário de Gíria – Modismo Lingüístico: o equipamento falado do brasileiro**. Brasília: Gráfica Valci Editora Ltda., 1999.
- STREHLER, R. G. **Análise de categorias de marcas de uso em dicionários**. Brasília, 1997. 110 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2000.

VENEROSO, P. C. **A divulgação da gíria na imprensa:** a descaracterização de um signo. São Paulo, 1999. 154 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

7.1. REFERÊNCIAS DA INTERNET

<http://www.blogdasoninha.folha.blog.uol.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



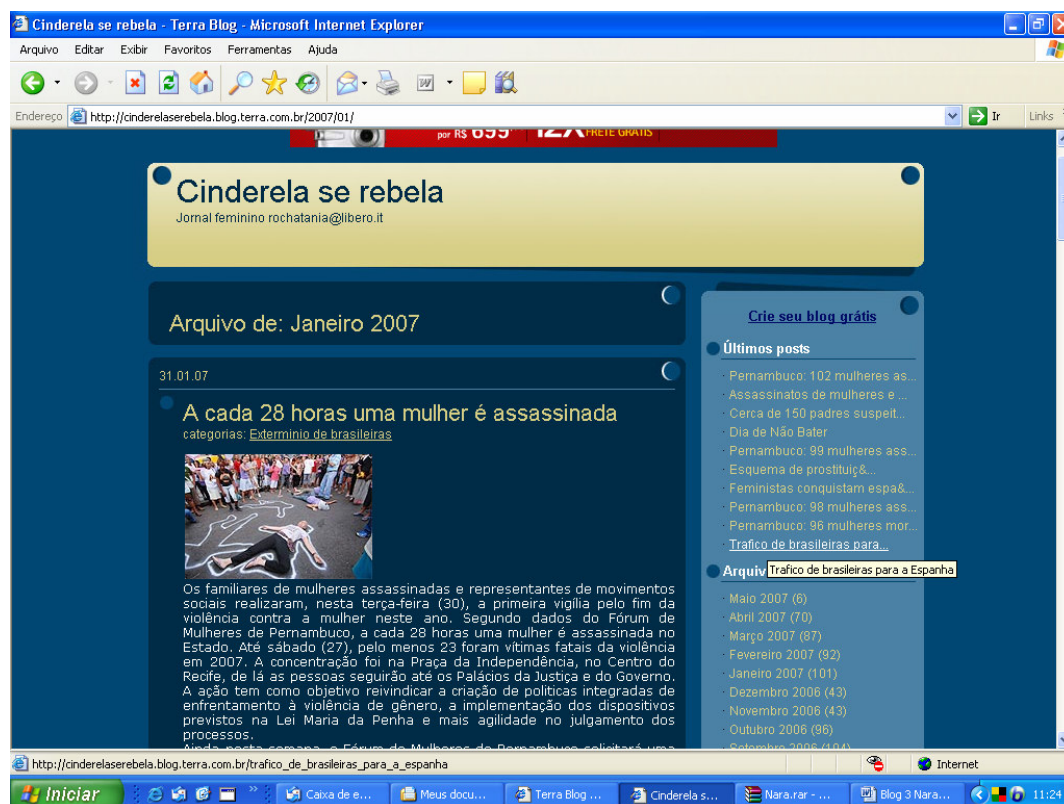
<http://www.mariainesdolci.folha.blog.uol.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



<http://www.marcelokatsuki.folha.blog.uol.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



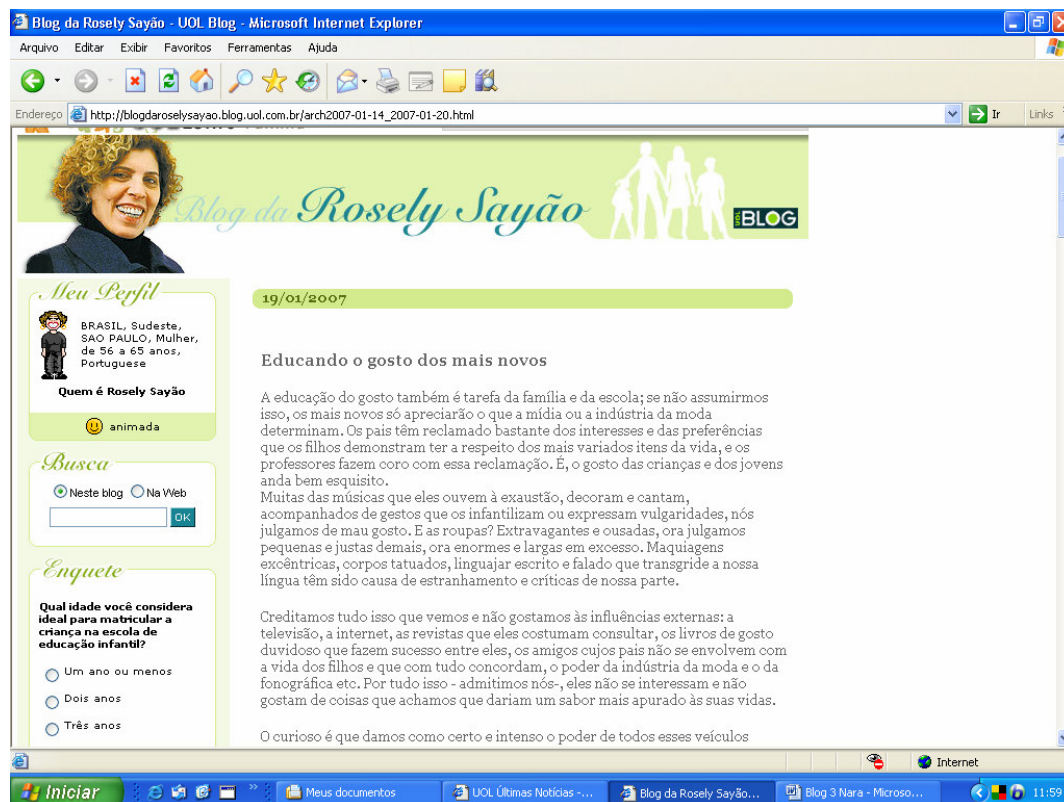
<http://www.cinderelaserebela.blog.terra.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



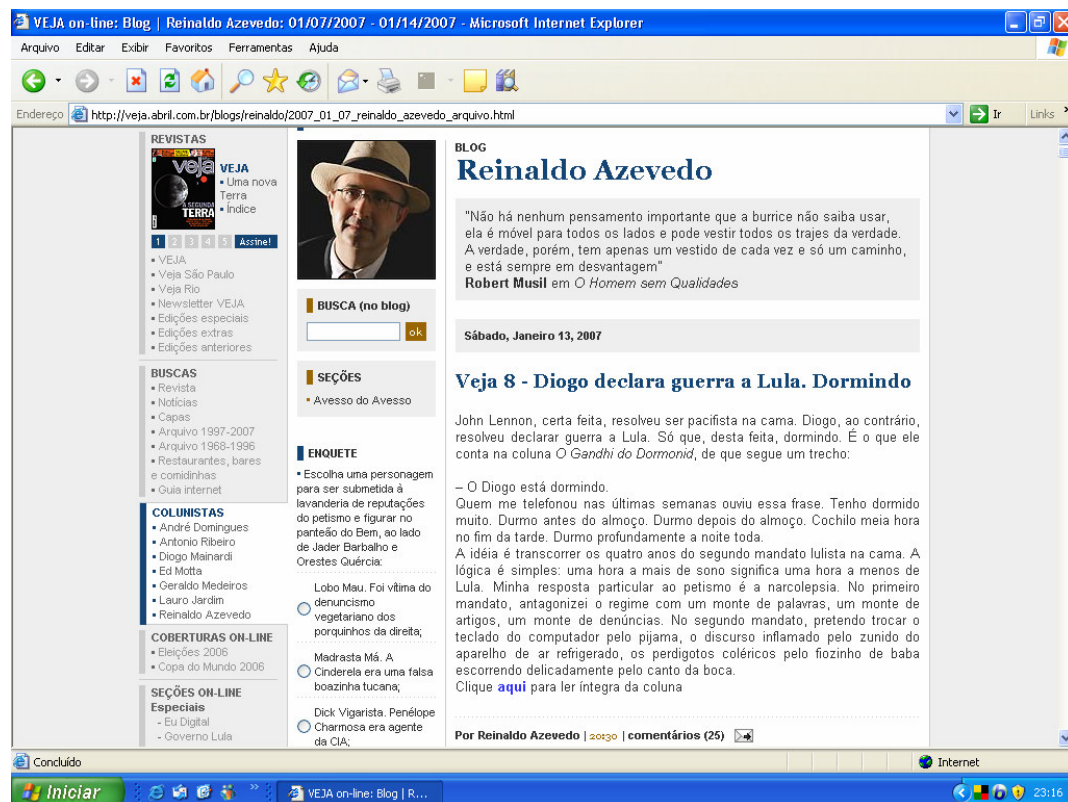
<http://www.uolpolitica.blog.uol.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



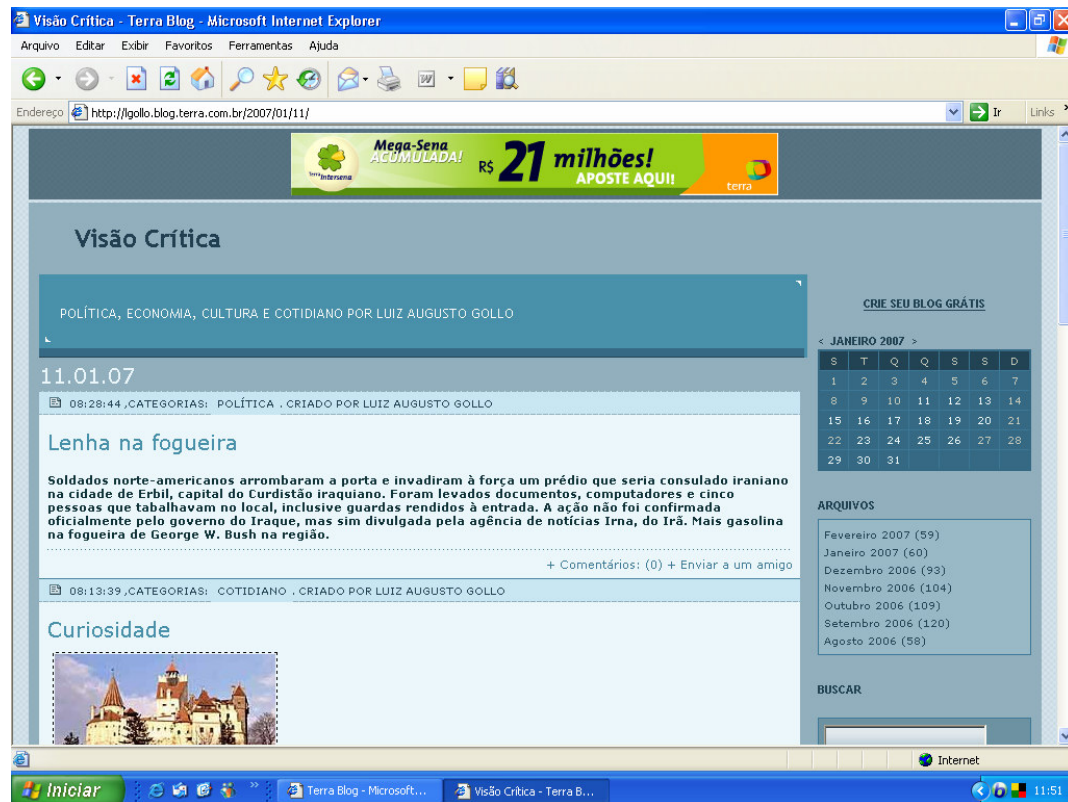
<http://www.blogdaroselysayao.blog.uol.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



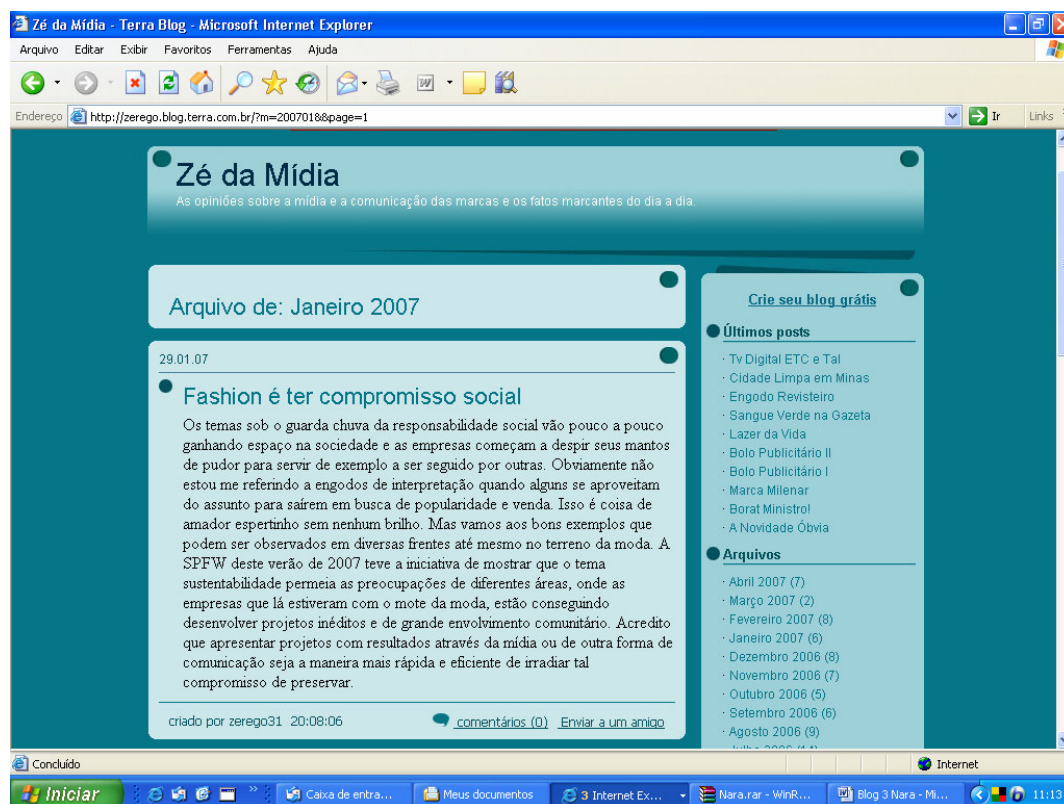
<http://www.veja.abril.com.br/blogs/reinaldo>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



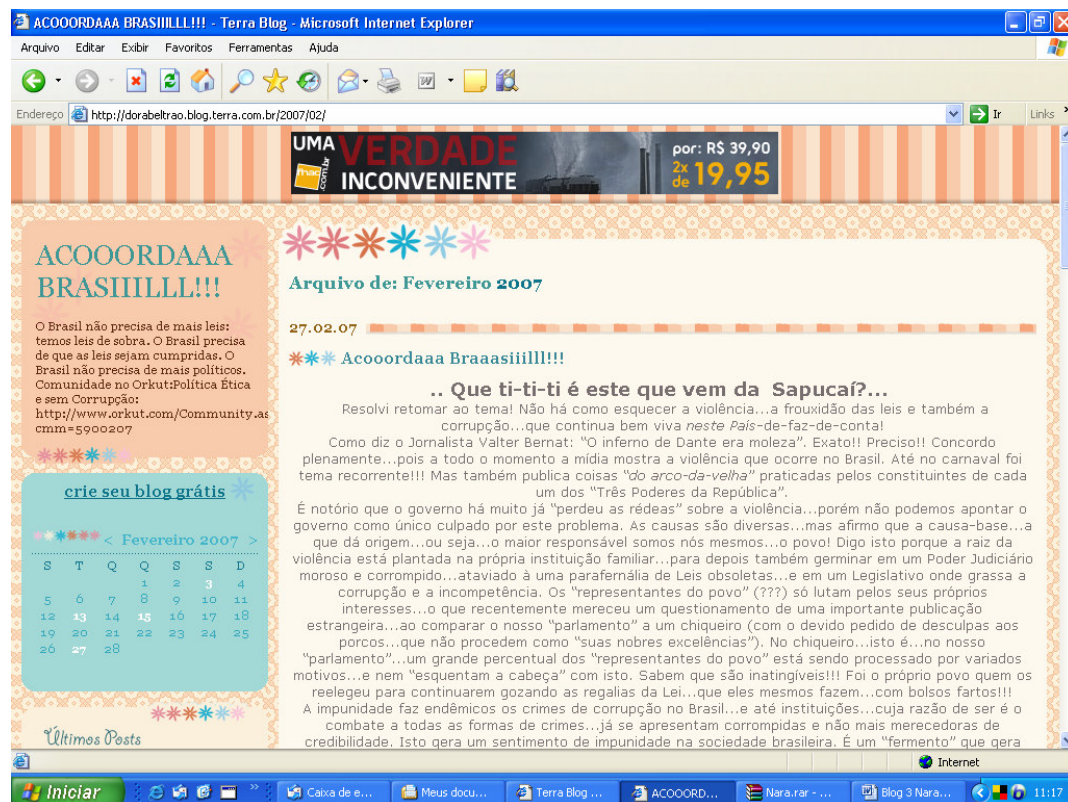
<http://www.lgollo.blog.terra.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



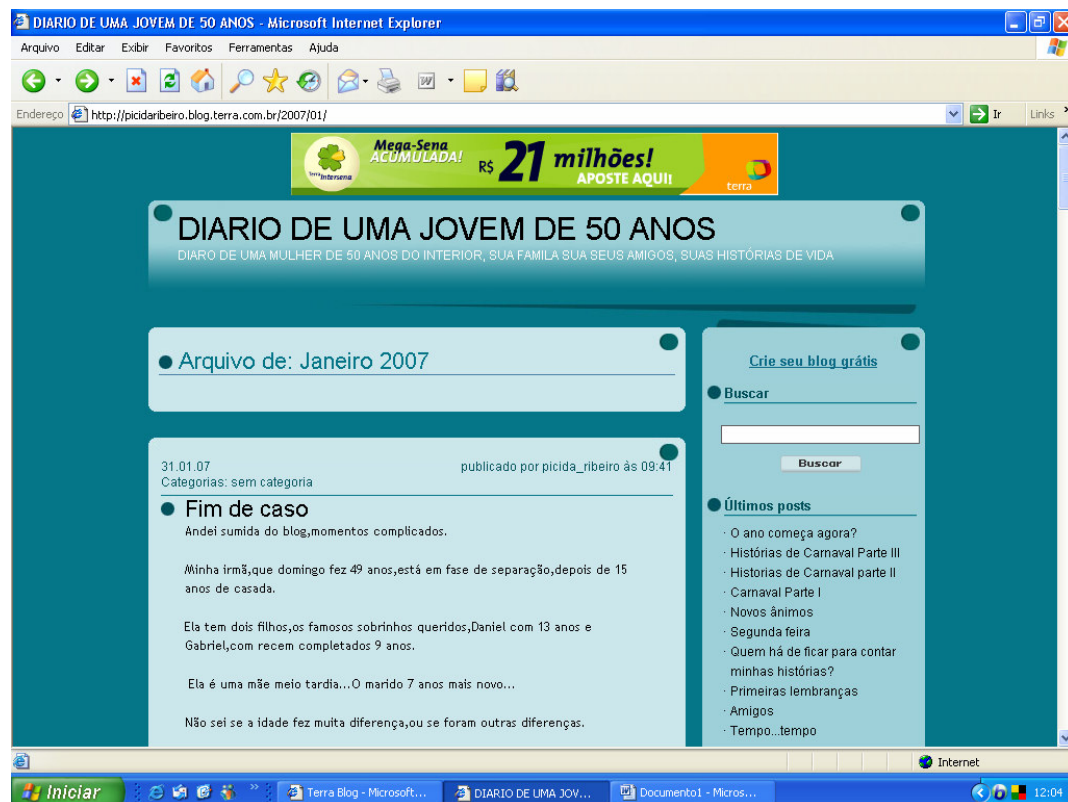
<http://www.zerego.blog.terra.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



<http://www.dorabeltrao.blog.terra.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



<http://www.picidaribeiro.blog.terra.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



<http://www.blogdotorero.blog.uol.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



<http://www.jacarebanguela.com.br>. Acesso durante vários dias em: janeiro e fevereiro de 2007.



APÊNDICE A – Marcas registradas nas palavras gírias do *Aurélio* (1999).

- gíria – 185
- gíria/popular – 01
- gíria/obsoleto – 04
- gíria/impróprio – 01
- gíria/marinha – 14
- gíria/eletrônica – 01
- gíria/depreciativo – 01
- gíria/lusitanismo – 24
- gíria/militar – 07
- gíria/esporte – 01
- gíria/figurado - 09
- gíria/turfe – 09
- gíria/informática – 01
- gíria/por extensão – 06
- gíria/teatro – 11
- gíria/restritivo – 01
- gíria/futebol – 01
- gíria/pouco usado – 01
- gíria/economia – 01
- gíria/antigo – 01
- gíria/surfe – 01
- gíria/física nuclear – 01
- gíria de estudante/desusado – 01
- gíria/aeronáutica/exército – 01
- brasileirismo/gíria – 1.054
- brasileirismo/gíria/marinha de guerra - 12
- brasileirismo/gíria/pouco usado – 05
- brasileirismo/gíria/futebol – 09
- brasileirismo/gíria/militar – 03
- brasileirismo/gíria/popular – 03
- brasileirismo/gíria/figurado – 05
- brasileirismo/gíria/natação – 01
- brasileirismo/gíria/esporte – 01

- brasileirismo/gíria/escolar – 02
- brasileirismo/gíria/familiar – 01
- brasileirismo/gíria/pejorativo – 02
- brasileirismo/gíria/chulo – 05
- brasileirismo/gíria/depreciativo – 02
- brasileirismo/gíria/jocoso – 01
- brasileirismo/gíria/desusado – 07
- brasileirismo/gíria/medicina – 01
- brasileirismo/gíria/obsoleto – 01
- brasileirismo/gíria/irônico – 03
- brasileirismo/gíria/montanha – 01
- brasileirismo/gíria/galicismo – 01
- brasileirismo/gíria/por extensão – 01
- brasileirismo/gíria/galistas – 01
- brasileirismo/gíria de ladrão – 05
- brasileirismo/gíria de criminoso – 01
- brasileirismo/gíria de gatuno – 01
- brasileirismo/gíria de cadeia – 01
- brasileirismo/gíria/futebol/obsoleto – 01
- brasileirismo/gíria/futebol/depreciativo – 01